

**BIOTECNOLOGIAS E
REPRODUÇÃO HUMANA:
LIMITES E
POSSIBILIDADES**



Editorial

*Nas duas semanas que o boletim **IHU On-Line** não circulou, muitas coisas aconteceram. Participamos de muitas atividades, congressos, encontros, cursos, assessorias. Na vida nacional, a reforma da previdência e as questões sociais emergiram com força: desemprego, sem-teto, sem-terra, violência... No plano internacional, sobressai a firme e decidida posição do presidente argentino, Néstor Kirchner, que, ousadamente, enfrenta questões fundamentais da vida argentina e latino-americana: direitos humanos, militares, limitação ao capital especulativo, judiciário... Algo está se movendo no país irmão...*

Sempre atento a estes temas, o nosso boletim, no entanto, nesta semana, aborda o tema do uso de biotecnologias em reprodução humana. A partir de uma notícia, veiculada nos grandes jornais sobre o nascimento de um bebê selecionado geneticamente para salvar a seu irmão, trazemos esse tema da mais alta importância, que se caracteriza por pontos de vista a partir de diversas áreas do saber. Trata-se de uma discussão multidisciplinar em busca da transdisciplinaridade. O colega professor Victor Hugo Valiati e a colega professora Annette Droste abrem o debate, do qual participam os professores Renato Zamora Flores, da UFRGS, Volnei Garrafa, da UnB e Márcio Fabri do Anjos, presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião –

*SOTER. Líderes de diferentes religiões também foram ouvidos. Luc Montagnier, Jürgen Habermas, Monique Canto-Sperber e S. Zizek aprofundam a reflexão, sob os pontos de vistas científicos e filosóficos. Tudo isso faz com que este úmero possa ser guardado para pesquisa e, eventualmente, usado em sala de aula.
A todos e todas um ótimo segundo semestre letivo e uma profícua leitura.*

NASCE, NO REINO UNIDO, BEBÊ GENETICAMENTE MODIFICADO PARA SALVAR SEU IRMÃO

*Reproduzimos a seguir a notícia publicada no jornal espanhol **El País**, em 20 de junho de 2003, e debatemos o tema sob os mais variados pontos de vista. Uma discussão que não pára aí. Buscamos uma abordagem transdisciplinar do tema. Assim, submetemos a notícia, que transcrevemos abaixo, a cientistas, biólogos, genetecistas, estudiosos de bioética e líderes religiosos de diferentes áreas. Publicamos também uma entrevista a Slavoj Zizek, uma outra a Jürgen Habermas e uma terceira a Monique Canto-Sperber.*

“No dia 16 de junho de 2003, nasceu, em Sheffield (norte da Inglaterra), o bebê geneticamente selecionado para salvar o seu irmão, que padece de uma estranha anemia que requer um tratamento continuado muito doloroso e que pode causar a morte. Seus pais, Michelle e Jayson Whitaker, decidiram recorrer à fecundação *in vitro*, com diagnóstico pré-implantação e seleção de embriões para assegurar que o sistema genético do novo bebê fosse o mesmo ou compatível com o de seu irmão. Antes tiveram uma filha de forma natural, mas seus tecidos não eram adequados para o transplante de células-mães, a única opção para salvar o primogênito.

Os Whitaker, britânicos, acudiram ao Reproductive Genetics Institute de Chicago nos EUA para se submeter a este tratamento, porque as autoridades do seu país lhes negaram a permissão para se submeterem a esta técnica de seleções de embriões por razões legais e éticas. O Reino Unido permite esta técnica para evitar o nascimento de bebês com doenças genéticas, mas não para ajudar a viver outra criança como era o caso dos Whitaker.

Os doutores extraíram as células-mães do cordão umbilical do bebê e durante os próximos meses realizarão diversas análises para comprovar que não padece da mesma doença do seu irmão e para ver se suas células são idôneas para o transplante, o que, segundo comentaram os médicos, não está 100% garantido.

O nascimento de Jamie reabre a polêmica sobre a ética destas técnicas com estes fins. Lana Rechistky, do Instituto de Chicago, assegurou à BBC: “Muita gente crê que são bebês desenhados e estão equivocados. Não criamos nada novo, somente escolhemos o embrião que acreditamos poder salvar a vida do seu irmão”. Na mesma linha, Jayson Whitaker disse que o único que foi feito pelos médicos é aumentar de 25% para 98% as probabilidades de salvar o primogênito e assegurou que não selecionaram nenhuma característica como o sexo ou a cor dos olhos.

Um porta-voz do Organismo para a Embriologia e Fertilização Humana reiterou a opinião desta entidade britânica a favor do recurso a estas técnicas para evitar o nascimento de um bebê com uma doença genética, mas nunca para salvar a outra criança. Um dos seus medos são as seqüelas emocionais que afetarão os “irmãos salvadores”.

SER HUMANO: GENÉTICA E AMBIENTE

Entrevista com Victor Hugo Valiati e Annette Droste

IHU On-Line conversou sobre o caso do bebê britânico com Victor Hugo Valiati e Annette Droste, professores e pesquisadores do Centro de Ciências da Saúde da Unisinos. Victor Hugo Valiati é Presidente

da Sociedade Brasileira de Genética - SBG/Rio Grande do Sul. Biólogo pela UFSM, mestre e doutor em Genética e Biologia Molecular, pela UFRGS, professor do Curso de Especialização em Biologia Molecular e Biotecnologia, da Unisinos. Annette Droste é licenciada em Biologia, pela Unisinos, doutora e mestre em Genética e Biologia Molecular, pela UFRGS, professora do PPG em Biologia e coordenadora do Laboratório de Cultura de Tecidos Vegetais - LCTV da Unisinos. Os professores concederam a entrevista após a leitura do artigo **A falha da bioética**, de Slavoj Zizek, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 22 de junho de 2003.

IHU On-Line- Qual é a opinião de vocês sobre o caso do menino britânico?

Victor Hugo Valiati – Já no título da matéria há um erro. Não há modificação genética. A resposta está no meio do texto: “não criamos nada de novo, somente escolhemos o embrião que, acreditamos, poderia salvar a vida de seu irmão”. A última frase, eu acho filosofia barata. “Medos das seqüelas emocionais que afetarão o irmão salvador”, pois, quando afirmamos algo ou mesmo cogitamos, devemos possuir bons argumentos que os sustentem, o que não é o caso.

Annette Droste- O medo em relação às seqüelas é hoje um medo abstrato, pois trata-se de especulação. Deve-se ter um cuidado especial com o que é divulgado pela mídia para a população, o que gera um clima de grande especulação.

Victor Hugo Valiati – E não é só na população. O Comitê de Ética do Estado trouxe o Rael da Clonaid, da França e aquele show bizarro dele, para inaugurar a discussão sobre bioética no Estado. É uma barbárie. Procuram-se essas pessoas que aparecem, mas que não têm consistência nenhuma. Ele foi pago, presumivelmente, com dinheiro público, sendo que, no RS, há pessoas qualificadíssimas para falar e discutir sobre clonagem, transgênicos e outros temas que envolvem a genética. Contudo, buscou-se um louco que diz ter um pacto com extraterrestres, que Jesus é ET e que a salvação é a clonagem. É desinformação, sensacionalismo, que vende jornal. A mídia deveria ter um maior cuidado quando produz suas matérias, procurando pessoas adequadas e responsáveis, e não simples aventureiros.

IHU On-Line- Por que esse desencontro entre uma pesquisa séria nas universidades e população e a mídia desinformadas?

Victor Hugo Valiati - A universidade sempre esteve distante da população. Isso é um fato. Ela se aproxima muito na extensão. Na pesquisa, seus resultados aparecem como subprodutos, não diretamente. Quando olhamos cada equipamento em nossas residências, o alimento que chega a nossa mesa, os recursos tecnológicos utilizados para os cuidados com a saúde, há muito trabalho e desenvolvimento científico, e isso não aparece. O que produz o distanciamento, nos grandes debates, é simples de ser explicado, pois todas as vezes que a universidade é chamada para algum assunto, as pessoas querem resultados de hoje para amanhã, é assustador pensar que os mesmos possam demorar 4, 5 ou 20 anos. Politicamente e economicamente, somos preteridos por saídas mais simplistas.

IHU On-Line –A possibilidade de eugenia também é especulação, não há motivos para se preocupar?

Annette Droste –Há razão para preocupação, sim, mas acredito que a preocupação deve estar voltada menos para a ciência e mais para a política. A questão ética é complexa a partir do momento em que a ciência atingiu o atual estágio. Conquistamos um determinado conhecimento e este avançará cada vez mais. Estou convencida de que hoje não basta mais termos uma ética individual, que regia boa parte da sociedade, mas que precisamos ter uma ética coletiva. Por outro lado, as questões sobre clonagem e desenvolvimento de embriões

selecionados também desviam a atenção de outros problemas. Ingerimos grandes quantidades de agrotóxicos diariamente pela nossa alimentação. Atrás disso, há um programa político e econômico, não de um país, mas do mundo inteiro, mas ninguém fala muito sobre isso. Os prejuízos serão muito grandes a longo prazo, mas, no momento, essa política é interessante...

IHU On-Line- Como avaliam as opiniões de pensadores como Habermas, Zizek, Fukuyama sobre as questões de reprodução, clonagem, etc...? É importante a interação com outras áreas do conhecimento?

Annette Droste- Com certeza. O cientista precisa da coexistência do filósofo, de um profissional que nos dê as diretrizes, inclusive, éticas. Precisamos desse diálogo e de fundamentação teórica. Acho que é efetivo para nós e para nossos alunos, discutirmos em mesas-redondas com profissionais de diversas áreas. Também acho que o filósofo precisa do cientista, para ter um respaldo em sua área de conhecimento. Eu tenho participado de mesas-redondas com debates sobre questões como a do embrião, com diferentes profissionais. Cada um expressa uma opinião diferente sobre o momento em que inicia a vida humana. Isso mostra o quão relativo é o ponto de vista de cada área. Há uma necessidade muito grande dessa interação, inclusive para que possamos influenciar na elaboração de leis. A troca de idéias entre os profissionais comprometidos com essas questões é vital para que arejemos nossas idéias. O cientista deve sair do laboratório para ver como a sua produção de conhecimento pode e deve interagir com o mundo.

Victor Hugo Valiati- Eu concordo que é muito enriquecedor esse debate. A minha única restrição é conceitual, refere-se ao funcionamento do sistema biológico, mas, o filósofo está fazendo o papel dele de questionar, isso é muito pertinente. Cada um de nós tem uma função na construção e compreensão da sociedade, não dá para ficar isolado. A biologia deixou de ser restrita ao biólogo, e isso é importante para superar a fragmentação do conhecimento.

IHU On-Line- Mas, ao longo de nossa conversa, vocês comentaram diversas discordâncias...

Annette Droste- Do ponto de vista de um biólogo, em alguns momentos, esses autores fazem afirmações pouco sustentáveis. O que Zizek diz sobre a doença de Huntington, não confere com a realidade e soa inclusive de maneira simplista. O que também me choca é a idéia que os textos passam, de que o ser humano é exclusivamente dirigido pela genética. Um geneticista sério não afirmaria isso. Realmente, nosso DNA comanda a maioria das informações necessárias para nossa existência. Mas, não podemos subvalorizar o ambiente, o ambiente externo e interno, inclusive o ambiente intrauterino (antes do nascimento). O que recebemos de influência ambiental durante os 9 meses de gestação tem uma influência muito grande sobre toda a nossa vida. Acredita-se, por exemplo, que um clone do Pelé daria origem a um outro jogador de futebol de sucesso. A clonagem de Pelé poderia originar uma pessoa que não se interessa por futebol e possui um dom para a música, podendo vir a ser um grande concertista.

Victor Hugo Valiati- O mesmo autor disse, também, que “ao lidarmos com a biogenética, perdemos a consciência disso e tratamos a nós mesmos como se fôssemos simples organismos biológicos” Mas, não somos? Que pretensão pensar que não somos! Há medo de reconhecer que cada um de nós faz parte de um sistema biológico, que somos produtos dos mesmos processos evolutivos dos demais seres vivos. Está é uma das restrições que comentei anteriormente. A discussão é extremamente importante, no entanto não podemos esquecer que a biologia produziu um conhecimento sólido do funcionamento dos organismos, assim, estes devem fazer parte do debate como significam, e não como especulação.

Annette Droste— Além disso, é oportuno dizer que o termo biogenética não existe. A genética se refere ao estudo do DNA, das características que são passadas de geração em geração. Não existe genética sem “bios”. O DNA é o cerne da vida. Ou agora existe uma “genética inorgânica”?

Victor Hugo Valiati- Deveria haver pessoas com personalidade para dizer àqueles que querem aparecer, inventando termos, que eles estão falando da mesma coisa ! Gostaria de salientar que tal fato é comum em todas as áreas da atividade humana, na economia, nas ciências humanas, nos deparamos diariamente com novas denominações, fusões de palavras com o intuito de redefinir conceitos e, algumas vezes, construindo verdadeiras anomalias, como o caso da tal “biogenética”. Alguém inventa uma palavra nova, depois se escreve um livro atrás do outro, e estamos fazendo uma ciência complicada que, na realidade, não existe.

IHU On-Line- Mas, o que realmente pode ser definido dentro dos caracteres de um embrião?

Victor Hugo Valiati- Todos os caracteres que têm poucos genes envolvidos podem ser determinados. Os demais caracteres, que dependem de um grande número de genes, podemos definir sua(s) função(ões), contudo todas suas relações com o meio intracelular e extracelular são um pouco mais complicadas. Assim, é factível definir individualmente a importância de cada gene, mas não todas as suas inter-relações. Por exemplo, hipoteticamente, poderíamos definir geneticamente que uma pessoa poderia alcançar uma altura de 1m 80cm, no entanto, dependerá de uma boa alimentação, e não somente de sua “programação” genética.

Annette Droste- A maior parte de nossas características é determinada pelos genes, mas fatores ambientais agem sobre as informações genéticas, atribuindo ao organismo a forma final dessas características se expressarem.

IHU On-Line- Vocês estão querendo mostrar que a individualidade de cada ser humano não está em perigo?

Victor Hugo Valiati- Pelo menos não biologicamente. Pode clonar o indivíduo, mas não todo o ambiente onde ele crescer. Inclusive os gêmeos monozigótico, clones naturais, não vivenciam as mesmas experiências, nem intra-uterinamente (especialmente estão em posições diferentes, a mãe fala mais com um do que com o outro, etc...). Todo organismo tem sua individualidade. O egoísmo prevaleceu em todos os organismos e não temos como eliminá-lo dentro dos sistemas biológicos. Apesar de sua proliferação clonal, ou seja, sua similaridade genética, um grupo de bactérias pode redefinir seu comportamento em consequência de modificações ambientais. Cabe salientar que não significa o princípio da plenitude, ou seja, tudo pode acontecer. Há um limite de respostas que dependerá, geneticamente, do indivíduo e da espécie.

IHU On-Line- Clonagem reprodutiva ou terapêutica, em que casos vocês apoiariam?

Victor Hugo Valiati - Não tenho nada contra a clonagem reprodutiva, no entanto não deve envolver recursos públicos. É uma opção reprodutiva que a pessoa deve pagar pelo investimento realizado pelos laboratórios. O grande problema, atualmente, é metodológico, há muitos embriões que serão descartados. A clonagem terapêutica possui um alcance maior e não é somente uma alternativa reprodutiva, e sim curativa. Nesse último caso, deve haver investimentos públicos para torná-la acessível a um maior número de pessoas.

Annette Droste- Eu me preocupo com os caminhos da clonagem reprodutiva. Hoje existem muitas outras alternativas para a reprodução, que poderiam ser utilizadas antes de uma

clonagem. Também me preocupo com as prováveis conseqüências psicológicas para uma pessoa-clone, que não possui as figuras paterna e materna. Quanto à clonagem terapêutica, acredito que possa vir em benefício da qualidade de vida do ser humano, embora não concorde com a técnica atual, pois utiliza-se um conjunto de células com capacidade para, de acordo com os estímulos químicos recebidos, dar origem a um organismo inteiro ou um órgão específico. Portanto, ainda se utilizam células embrionárias. Potencialmente, esses conjuntos celulares poderiam dar origem a um indivíduo. Então, estamos colocando a questão no seguinte patamar: estamos desenvolvendo um músculo cardíaco em detrimento de uma vida humana. E é inaceitável que coloquemos os valores nesse patamar.

“HÁ UMA FANTASIA DE QUE QUALQUER AVANÇO MÉDICO É GANHO INDEPENDENTE DO CUSTO”

Entrevista com Renato Zamora Flores

*Renato Zamora Flores é graduado em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 1984, obteve o título de mestre em genética no curso de pós-graduação em genética e, em 1997, o título de doutor em ciências no programa de pós-graduação em genética e biologia molecular pela mesma universidade, com tese intitulada “Incesto: freqüências, efeitos e fatores intervenientes”. É coordenador de projetos de extensão que prestam atendimento clínico e psicológico em escolas e na Febem. Coordena também o ambulatório de genética do comportamento no departamento de genética da UFRGS, que atende crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos. O professor conversou com **IHU On-Line** sobre o caso em questão.*

***IHU On-Line-* Como o Sr. vê o caso do bebê inglês?**

Renato Zamora Flores- Constrange-me muito essa questão de produzir crianças com fins específicos, mas, na condição de pai, faria a mesma coisa. A questão maior é que essa criança seja bem cuidada, o restante fica em segundo plano.

***IHU On-Line-* Estas novas possibilidades tecnológicas caminham em direção à eugenia?**

Renato Zamora Flores- Isso já é uma eugenia indiscutível. A utilização de métodos para melhorar o conjunto da espécie, é eugênico. Só que é diferente da eugenia nazista, porque, neste caso, alguém é beneficiado.

***IHU On-Line-* Qual é a sua opinião em relação aos direitos do embrião e a discussão sobre o início da vida humana?**

Renato Zamora Flores- Eu sou favorável ao aborto, quando o feto não tem sistema nervoso, até as 20 ou 22 semanas, que, nessa fase, para mim, não tem estrutura de gente. Senão, daqui a pouco vamos pensar que até o espermatozóide tem estrutura de gente.

***IHU On-Line-* E a clonagem ?**

Renato Zamora Flores- Acho também uma hipocrisia. O DNA de ninguém é tão valioso que precise ser clonado. Isso é um gigantesco egoísmo, com tanta criança para ser adotada. Pela mesma razão, a fertilização assistida é um desperdício de dinheiro. Além disso, eu questiono a fantasia de que qualquer avanço médico é um ganho independente do custo. Será que qualquer gasto em tecnologia justifica qualquer ganho, uma vez que não há leitos nos hospitais, por exemplo? Isso não é verdadeiro.

***IHU On-Line-* Nesses casos, haveria uma sobrevalorização do genético em detrimento de outros elementos?**

Renato Zamora Flores- Uma sobrevalorização de seu genético. Além disso, o mau uso da fertilização pode trazer vários embriões para ver se um deles é parecido com a Xuxa ou com Gianechini, ou qualquer outro galã de novela, e não para saber se ele é sadio. Eu vejo que se espera de nós, cientistas, que trabalhamos com genética ou biologia molecular, uma ética que a sociedade não tem. A sociedade é tremendamente irresponsável com as crianças, com a saúde, com a educação. Vamos cobrar comportamento moral de todos. O cientista poderia dizer à sociedade: “Estou sendo tão ganancioso e materialista quanto você”.

IHU On-Line- Como está a situação no Estado de RS?

Renato Zamora Flores- Aqui há mais tomógrafo por habitante que no Canadá. Há vários programas que gastam dinheiro com doenças raras. Vejo uma supervalorização das tecnologias de forma ineficiente. Nas universidades públicas, produzimos novos testes que não são aplicados no SUS, e sim nas clínicas particulares, porque o SUS não se interessa. Mesmo em Porto Alegre, estando há tantos anos na prefeitura, o PT não conseguiu uma saúde boa e não é problema de recursos, mas de gerência.

IHU On-Line- Atualmente, qual o assunto que mais ocupa seu tempo de trabalho e pesquisa?

Renato Zamora Flores- Eu trabalhei muitos anos com genética. Fiz o mestrado nessa área. Atualmente, trabalho num ambulatório de Genética do Comportamento, com duas questões: comportamentos violentos e com uma certa militância de divulgação científica para ajudar a valorizar as tecnologias pelo benefício público que elas possam trazer, e não pelo mero avanço da tecnologia.

IHU On-Line- Como o Sr. vê o uso de medicamentos para resolver comportamentos violentos ou baixa auto-estima, o lucro da indústria farmacêutica em busca de uma sociedade química?

Renato Zamora Flores- É, por um lado parece a conquista de uma felicidade química, porém é um assunto complexo. Eu trabalho muito com crianças que apresentam transtornos de atenção. Em tribos de índios, isso não é uma doença, na realidade a sociedade está exigindo essa atenção da criança. Muitas crianças são hiperativas, o que pode ser resolvido com um *video game*, cursos, bons livros, etc....Mas, e as crianças pobres que não têm nada disso e são hiperativas? A elas eu dou um remédio. Acho que tanto você quanto eu preferiríamos tomar um remédio a fazer coisas pelas quais terminemos presos. O cérebro de uma criança que cresce em ambiente violento se adapta ao ambiente. Nem todas as pessoas que crescem em ambiente violento, são violentas, mas todas as que são violentas crescerem nesse tipo de ambiente, e o cérebro se modifica, às vezes, irreversivelmente. Eu gosto das novidades tecnológicas, mas, quando são democratizadas entre países e entre pessoas de um mesmo país. Não me horroriza que o homem brinque de Deus, mas o uso não democrático das tecnologias. Vamos acabar salvando só a vida dos ricos.

“É O MANIQUEÍSMO ENTRE O ENDEUSAMENTO E A DEMONIZAÇÃO DA CIÊNCIA”

Entrevista com Volnei Garrafa

Volnei Garrafa é presidente da Sociedade Brasileira de Bioética, coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética da Universidade de Brasília e membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde. Defensor da ciência livre, desde que sua aplicação seja controlada de forma participativa, o médico concedeu uma entrevista telefônica a IHU On-Line de Brasília.

IHU On-Line – O que o senhor acha do caso do bebê britânico?

Volnei Garrafa – Eu trabalho na Universidade de Brasília. A nossa linha é da bioética *light*. Nós não partimos de absolutos morais, por mais conflito que isso possa trazer. Partimos do princípio da busca da qualidade da vida, desde que isso se dê dentro de parâmetros éticos, obviamente. Nesse caso específico, há uma vida humana que está em jogo. Se esta medida não fosse tomada, essa vida provavelmente seria perdida. Então esses casos, que eu chamo de fronteira, de limites, têm que ser discutidos caso a caso, aprofundados cuidadosamente por comitês de bioética: multidisciplinar, quanto à formação, e pluralista, quanto ao ponto de vista de moralidade. Eu não digo que tenha que haver leis universalizadas, porque isso é muito difícil.

IHU On-Line – Estamos nos aproximando da construção de uma sociedade na qual algumas pessoas escolhem os atributos genéticos de seus descendentes?

Volnei Garrafa – Sou absolutamente contrário a isso. Para mim, é eugenia. É exatamente por isso que eu estou defendendo a contextualização de cada caso. A questão de definição de sexo, de cor de olhos e outras características humanas, é interferência na gênese. Isso é tentativa de purificação de raça. Não estou pensando nas conseqüências para cada um. Eu fico pensando que não é moralmente aceitável que se definam essas coisas, pois a partir disso, você abre a perspectiva de começar a selecionar sempre os mais aptos. Isso é prática eugênica. A opção sexual, por exemplo. Você vai definir o sexo. Isso é espantoso! Começa-se a gerar desequilíbrios demográficos no mundo com conseqüências imprevisíveis. Deve-se trabalhar num controle dessas tecnologias. Eu não sou contra os avanços tecnológicos. A ciência deve ser livre na busca do conhecimento, desde que as pesquisas sejam feitas dentro de parâmetros éticos. A conseqüência da descoberta, da aplicação tecnológica, que é o que a ciência busca, essa tem que ser controlada. E o controle tem que ser social e não pode ficar na mão de cientistas, tem que ficar na mão das democracias modernas, participativas, plurais, etc.

IHU On-Line – Até aonde deve ir a pesquisa nas universidades e até onde essa pesquisa pode se tornar prática social?

Volnei Garrafa – A pesquisa tem que ser livre. Eu defendo a liberdade da ciência. A busca da ciência tem que ser a busca do conhecimento, que deve ser antecipatório. Se o conhecimento tivesse antecipado a Aids, não teria morrido tanta gente. A aplicação da tecnologia, que é a conseqüência do que vem com a ciência, essa tem que ser controlada. Temos de trabalhar com mais prudência nesse campo. Por exemplo, todos esses aspectos de reprodução assistida vieram da descoberta da ciência. Já se sabe que é possível fazer uma pessoa de olho azul, mas fazer todo mundo de olho azul, não. É possível, porque, a partir dessa pesquisa, de repente se pode controlar outras doenças, outros problemas. A pesquisa não é só para aquilo especificamente. Consegue-se trabalhar com clonagem terapêutica de células de cordão umbilical com a descoberta da busca da cor do olho.

IHU On-Line – Como está essa situação, aqui no Brasil, no campo da experimentação genética? Que passos se tem dado?

Volnei Garrafa – O Brasil está muito atrasado em termos de legislação em todos esses campos mais polêmicos. Por exemplo, a área de reprodução assistida, o primeiro bebê de proveta no Brasil nasceu em 1984. Nós estamos em 2003 e ainda não há regulamentação para a fecundação assistida no Brasil. Este é um exemplo típico. A prática está lá na frente e a legislação está lá atrás. O Congresso Nacional discute essas coisas de forma muito polarizada. É o maniqueísmo entre o endeuamento e a demonização da ciência. Temos que procurar o

diálogo, a democracia, a educação, a informação, o aprimoramento dos canais democráticos. O país não conta ainda com uma comissão nacional de bioética, e é urgente sua criação. A Sociedade Brasileira de Bioética, a qual estou presidindo atualmente, encaminhou o expediente para o Presidente da República, pedindo isso. Foi uma decisão do 6º Congresso Mundial, realizado aqui em Brasília, no ano passado. A Presidência da República encaminhou há dias atrás isso para o Ministério da Saúde e Ministério de Ciências e Tecnologia. A nossa proposta é que essa comissão fosse criada pelo Presidente da República, como na França, onde já existe, desde 1982, uma comissão ligada ao Primeiro Ministro. Na Itália também é ligada ao Primeiro Ministro. No Brasil, parece que está se caminhando para ser criada pelo Ministério da Saúde. Tudo bem, o Ministro da Saúde sendo o presidente, mas o ideal seria com a Presidência da República, porque essa comissão não tem que discutir tecnologia, tem que discutir moralidade. Tem que ser uma comissão ampla. A francesa tem 40 membros com representantes de todos os setores da sociedade. A Sociedade Brasileira de Bioética está à disposição do governo para contribuir na construção de uma proposta para uma comissão nacional. Isso tem que ser muito discutido com a sociedade, para ela realmente ter força depois.

“A PERGUNTA ÉTICA LEVA A HUMANIZAR O PODER TECNOLÓGICO”

Entrevista com Márcio Fabri dos Anjos

*Márcio Fabri dos Anjos é padre Redentorista, Doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma e Presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. É autor do artigo **Bioética e Liberdade – uma leitura teológica**, publicado no livro **A Esperança dos Pobres Vive**, uma coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003.*

IHU On-Line- Qual é sua opinião sobre o caso do bebê britânico?

Márcio Fabri dos Anjos- A princípio, utilizar um ser humano em função de outro pode ser delicado. O cristianismo tem um critério ético que privilegia a autonomia da pessoa humana para a referência ética de todo procedimento, porque do contrário perdemos o referencial de nossas relações sociais. O ser humano não é instrumento. Por outro lado, essa autonomia não pode ser de forma absoluta. Neste caso, eu vejo um gesto bonito pensar a vida partilhada, a fecundidade sempre é social. Se o bebê é desejado, e cresce com o mesmo amor que os pais têm pelo primeiro bebê e os levou a querer salvá-lo, a partilha do segundo bebê com seu irmão, é um gesto de gratuidade muito bonito. Ambos os bebês poderiam chegar à idade adulta, e o segundo olhar com alegria para sua vida por ter podido ajudar seu irmão. O que eu não conheço, em relação ao caso, são os riscos e custos até chegar a esse bebê. Diferente seria, se o segundo bebê ficar com alguma deformidade. Esse dado é importante, porque se corre o risco de instrumentalizar o ser humano, criar pessoas com dois ou três rins, para que já os tenha para serem doados, ou se, para chegar a ele, passam por 50 ou 60 embriões, também seria complicado.. Uma vez analisado o caso, se ele não trouxe riscos, acho um gesto bonito.

IHU On-Line- Como está o debate em relação aos embriões e o momento em que inicia a vida humana?

Márcio Fabri dos Anjos- O embrião é inegavelmente o início de uma pessoa humana. As células não são pessoas, há uma necessidade de interpretar, vai ali uma dose de hermenêutica. A Igreja interpreta o zigoto, o óvulo já fecundado como um embrião que merece respeito como se fosse pessoa. É o processo que dá origem a um ser humano. A fecundação é o ponto de partida, portanto a Igreja o respeita como pessoa desde esse momento. Na Idade Média, a Igreja tinha a Teoria da Alma, de Santo Tomás de Aquino, na qual ele defendia que,

aos 40 dias da fecundação, para os homens, e 80 dias, para as mulheres, o embrião demorava para ter alma, para se constituir em ser humano. Eram concepções que, na época, não havia meios para demonstrar. Evidentemente, hoje, não se pensa assim, mesmo porque a teoria é tremendamente machista. Parece que a mulher era uma tentativa frustrada de homem... Hoje sabemos que não cabe à Igreja determinar a definição de pessoa humana. Ela optou por considerar pessoa humana desde a fecundação. Outros defendem que haveria uma fase pré-embriônica na qual não está tudo decidido e, portanto, pode ser usado o pré-embrião para a pesquisa. Para os abortistas, até os seis meses de gestação não há pessoa humana e existe a concepção de que só quando nasce o bebê é pessoa humana.. Essa definição tem uma força simbólica muito grande, porque cada uma delas abriria ou não o espaço à experimentação e colocaria em risco a vida.

IHU On-Line- A Universidade tem um papel importante nesse debate?

Márcio Fabri dos Anjos- Há um consenso muito grande sobre a necessidade de diálogo sobre as questões do embrião e de bioética em geral. A bioética é um grande anfiteatro, não pode haver percepções únicas, é necessária a reflexão e a argumentação. Devemos chegar a critérios comuns, fruto de um consenso, que possam iluminar a sociedade. Demos um grande passo, levando a ética para dentro da ciência, o poder tecnológico, separado do poder ético seria muito pernicioso. A pergunta ética leva a humanizar o poder tecnológico. Se não o humanizamos, corremos o risco de perder nossa dignidade. Nesse meio, ocorrem também vaidades, interesses econômicos, etc. O Brasil, desde 1996, deu um grande salto com a resolução do Ministério de Saúde sobre a ética na pesquisa que envolve seres humanos. Já existem normas para isso, mais ainda estamos muito mais atrasados que outros países.

IHU On-Line- E a Teologia?

Márcio Fabri dos Anjos- No amplo diálogo, a contribuição da Teologia tem sido muito apreciada desde que dialogue. Há uma certa rejeição se se coloca como autoritária. O motivo dessa abertura é que o cristianismo oferece alternativas para superar o pragmatismo e uma simples visão de eficiência diante do ser humano e colocar a gratuidade como realização da vida, critérios subordinados ao amor. Se a tecnologia nos leva a diminuir nossa capacidade de amar, não serve para nada. Por outro lado, a sabedoria da vida do cristianismo abre um ambiente amplo para a bioética quando busca a aceitação do mais fraco, contrário à corrida de bem-estar, quando valoriza a capacidade de dar a vida e não só garanti-la, esses elementos criam um ambiente interessante . Ainda destacaria a contribuição do cristianismo em relação ao sentido que dá à vida humana.

IHU On-Line- O Sr. vê que a Teologia deva dialogar mais intensamente com a ciência no espaço da universidade?

Márcio Fabri dos Anjos- Eu acho que a Teologia tem três aspectos fundamentais. O da confessionalidade, seria o espaço de reflexão da fé. As pessoas têm fé, ou religiosidade e a reflexão sobre elas é teologia. É fundamental uma teologia para as comunidades se entenderem como pessoas ou grupos. Em segundo lugar, como essas pessoas são cidadãs, devem incidir na sociedade, e a Teologia tem que mostrar sua força de cidadania. Já houve grupos que organizaram sociedades teocráticas, ou, no outro extremo, grupos que organizaram suas sociedades excluindo a dimensão religiosa. Algumas formas de teocracia podemos constatar ainda hoje, no oriente ou em determinados grupos pentecostais que têm bancadas no Congresso. A Teologia é também o espaço para discutir essa sociedade. Em terceiro lugar, e, para fazer esse diálogo, a Teologia precisa da força da cientificidade, deve ganhar o espaço

universitário. A Teologia estabelece argumentações de um grupo. Existem muitas teologias, no diálogo com as outras ciências, a sociedade só tem a ganhar.

Confira, a seguir, as opiniões de diversos líderes religiosos, a respeito do caso do bebê Jamie.

“NÃO SE DEVE CONTRAPOR A FÉ E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO”

Segundo **Carlos Gilberto Bock**, assessor da presidência da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia com a tese defendida em 2002, sob o título “**Teologia em Mosaico: O novo cenário teológico latino-americano nos anos 90. Rumo a um paradigma ecumênico crítico**”, a ciência deve criar fóruns para discutir essas questões com a sociedade.

“Na minha opinião, não se deve contrapor a fé e o conhecimento científico. Esses são conhecimentos distintos, mas não excludentes. Historicamente, o ser humano vive em busca do conhecimento dos mistérios da natureza, mas a ética deve nos fazer parar e saber até onde é possível ir nessa busca. A tarefa da ciência é criar fóruns adequados para discutir essas questões com a sociedade, pois o conhecimento não pode ficar restrito. Quando se fala em reprodução humana, temos precedentes perigosos. Pode-se passar a idéia da tentativa de criar uma raça superior. Se a ciência não é regulamentada, ela pode ser usada apenas por aqueles que têm recursos, quando o critério ético e religioso é de defesa da vida. A fé cristã prega que a maioria deve ser beneficiada, mas não é bem o caso da maioria das pesquisas que vemos por aí. O que determina muitas delas é a busca do lucro, não da vida. Ter o mercado como critério é muito perigoso. Porém, penso que cada caso deve ser analisado individualmente, não podemos ir condenando a priori. A análise poderia ser feita por comitês com um distanciamento dos laboratórios que fazem as pesquisas. Do ponto de vista da fé, sabemos que a sabedoria clássica faz a distinção entre o ser humano como criatura e um ser maior como criador. Algumas pessoas acreditam que o ser humano é um ser absoluto, e isso é muito perigoso. Quando se coloca o ser humano como absoluto, volta-se à situação do passado em que as religiões se consideravam as donas da verdade. Só mudam os atores. Esse pensamento cria um ser humano destrutivo. A questão da genética e das novas descobertas refletem a busca humana pela perfeição, por uma vida sem mácula, ou melhor, uma vida eterna. Talvez nessa busca, o homem perca sua condição espiritual. A vida tem seu limite.”

TECNOLOGIA PARA SALVAR VIDAS

Para Antonio Cazzuni, membro da doutrina Espírita Kardecista, o Espiritismo não tem uma posição oficial sobre esse assunto, que é muito recente.

“A questão está em utilizar essas descobertas e essa inteligência para ajudar os seres humanos, e não apenas por caprichos. A própria clonagem pode ser vista de modo positivo, se for para ajudar quem precisa (clonagem de órgãos, nesse caso). A manipulação genética, se feita para salvar vidas, é muito positiva. Esse bebê concebido para salvar a vida de seu irmão, precisa compreender, do ponto de vista da religiosidade, que ele fez parte de uma ação permitida por Deus e que, se ele reencarnou nessas condições, é porque era necessário. Deus nos deu o livre arbítrio. Se os cientistas se utilizarem de sua inteligência para realizar ações que não visam a ajuda aos seres humanos, eles terão de prestar contas, quando retornarem ao mundo espiritual de onde vieram. Agindo erroneamente, eles fogem do que foi determinado por Deus e voltarão ao mundo de uma forma bem pior do que vieram, porque não mereciam ter

reencarnado como cientistas. Por enquanto, não há muito com o que se preocupar com relação os seres humanos “moldados” em laboratório. Vejo ainda muito distante essa ciência para melhorar a vida das pessoas. Mas a clonagem de órgãos é algo que se desenvolverá com maior velocidade, e isso é bom”.

PELO NOSSO PRÓXIMO FAZEMOS TUDO, PRINCIPALMENTE SE FOR NOSSO FILHO

Para o Pastor Adalberto dos Santos Dutra, líder da Assembléia de Deus, se a manipulação genética for feita para salvar a vida de um outro ser humano, é bem-vinda.

“A criança que nasceu dessa combinação em laboratório precisa ter um trabalho psicológico para não se sentir rejeitada. Ela vai entender que esta foi a forma concedida por Deus para que ela vivesse. Está na Bíblia, e Jesus nos diz para amarmos ao próximo como a nós mesmos. Pelo nosso próximo fazemos tudo, principalmente se for nosso filho. Já com a questão da manipulação para modificar o ser humano apenas por vaidade, nós discordamos, pois ela foge da direção divina. Não creio que vá dar certo ou virar moda esse tipo de alteração genética no homem. É antiético e está interferindo num dever que não é nosso, e sim de Deus. Até hoje, o homem não conseguiu interferir em nada daquilo que é de Deus. Não será dessa vez que ele vai conseguir. O papel da universidade é de pesquisar, estudar a fundo a questão, para orientar as pessoas daquilo que é certo”.

EM BUSCA DE SOLUÇÕES PARA AS DOENÇAS DA HUMANIDADE

Para o Babalorixá Pai Dejair D'Ogum, diretor espiritual do Ilê dos Orixás os africanistas sempre estiveram abertos e receptivos para o avanço da medicina.

“Acreditamos que o Orixá Osanha, “O médico da religião”, sempre orientou o homem em busca de soluções para as doenças da humanidade. Partimos do princípio de que, com o passar dos anos, sempre têm surgido novas doenças, muitas vezes, também epidemias que maltratam as pessoas, podendo levá-las à morte. Caso o problema possa ser solucionado e, dentro da medicina, há possibilidade da cura ou, ainda, a intervenção genética (como soluções intra-uterinas), porque não usufruirmos deste benefício? Não vejo a necessidade de deixarmos um problema se consolidar para depois remediá-lo; se a cura pode ser providenciada no próprio feto, ou mesmo através da medula óssea, extrairmos células para regenerar tecidos, resolver problemas cardíacos, leucemias, etc... Que pessoa não usaria de todos os recursos para salvar ou ter por mais tempo um familiar em seu convívio? Se as doenças, vírus, bactérias se desenvolvem, porque não sua cura? Eu me preocupo com a clonagem e a formação de embriões, pois estes com 8 células, posteriormente terão 16, 32...enfim, se tornará um feto, aí existe uma outra vida, a qual terá um espírito e uma alma, então não poderemos brincar de “Deus”, pois a ele cabe a vida e a morte. Se dermos a oportunidade de expectativa de vida a este embrião e depois tomá-la, estaremos indo contra a ética de liberdade de vida, infringindo as leis de Deus “Não matarás”! Vejo isso como se estivéssemos tirando o direito de vida de um ser para dar a outro, e isso não cabe a nós. Nós, africanistas, incentivamos e aplaudimos todos os avanços da medicina, mas também nos preocupamos com a ética e as aberrações que podem acontecer se ultrapassarmos certas leis e normas.”

NÃO PODEMOS ADMITIR QUE, PARA O BEM DE UMA PESSOA, TENHA QUE HAVER SOFRIMENTO DE OUTRA

Para o Reverendo Jessé Castro Ramos, reitor da Paróquia Trindade, em São Leopoldo, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, devem ser levados em conta os diversos fatores do caso concreto.

“Certas descobertas científicas, que hoje são comuns e têm melhorado a vida das pessoas, eram vistas como um sonho antigamente. É preciso, porém, pôr limites na prática desses avanços e respeitar a vida humana. Não podemos admitir que, para o bem de uma pessoa, tenha que haver sofrimento de outra. O assunto genética ainda é novo, mas a Igreja tem procurado se posicionar de forma ética a respeito. Eu sou pai e faria qualquer coisa para salvar a vida de meu filho. Mas a questão da manipulação vai mais além do fato de um casal ter outro filho para fazer um transplante de medula em um filho com leucemia. Não se sabe que conseqüências irão recair sobre essa criatura que vai nascer a partir da manipulação. É preciso levar em conta a angústia dos pais da criança doente. Julgar a distância é fácil. Se estivéssemos na mesma situação, poderíamos mudar de opinião. A questão da manipulação por outras razões, que não de saúde, é contra nossos princípios. Toda a vaidade é perigosa. É produto de um egoísmo, da vontade de ser superior aos outros. Corremos o risco de ver por aí super-homens criados em laboratório. O ideal seria que as descobertas da ciência se destinassem a melhorar a vida das pessoas e não fossem acessíveis apenas à elite que usufrui dela na maioria das vezes por vaidade. A religião anglicana tem uma postura de abertura de pensamento, buscando a questão ética ao máximo nesses casos. Seria uma pretensão adivinhar o que Deus pensa disso tudo. Mas sabemos que Ele nos criou com criatividade. Deu-nos capacidade de criar também, mas não de querer ser como Ele.”

POR UMA ÉTICA DA ESPÉCIE HUMANA

*Reproduzimos, na íntegra, a entrevista ao filósofo alemão Jürgen Habermas, publicada no jornal Clarín, em 8 de fevereiro de 2003. Habermas é autor de vários livros, entre os quais destacamos, **L'avenir de la nature humaine. Vers un eugénisme libéral?** (O futuro da natureza humana. Caminhamos para um eugenismo liberal?). Paris: Gallimard, 2002. Sem tradução para o português. Nessa obra, Habermas expõe seus argumentos sobre o debate que, em 1999, manteve com seu colega alemão Peter Sloterdijk, autor do polêmico livro **Regras para o parque humano**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, e os desafios que as biotecnologias colocam à nossa compreensão moderna de liberdade. Entre seus livros publicados em português citamos **Direito e Democracia**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997; **Consciência moral e agir comunicativo**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989; **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.*

*Sobre Habermas, os leitores e leitoras podem conferir o **IHU On-Line** número 57, de 28 de abril de 2003, e a edição número 59, de 12 de maio de 2003.*

Aos nossos colegas do Cepat, de Curitiba, o nosso agradecimento pela tradução e pelos subtítulos da entrevista.

Clarín - A preocupação com a bioética é recente em sua obra: não aparece antes de 1998. Como ela se articula com a sua reflexão sobre a democracia?

Habermas - É verdade, não me interessei particularmente pelas questões de ética aplicada. Nesse campo, os filósofos desenvolvem em geral um trabalho de especialistas e, portanto, se vêem obrigados a se adaptarem às formas burocráticas de organização e decisão. A um pensamento espontâneo e que não se deixa circunscrever custa dobrar-se a essas limitações. Sempre é preciso aspirar à clareza analítica e ao profissionalismo. Mas para o filósofo, uma coisa é utilizar seu saber especializado no marco de comissões, e outra é tomar partido no espaço público como intelectual sobre questões políticas. Há tempo que as questões de bioética, que colocam os avanços da medicina da procriação, atraem a atenção do público. Pelo contrário, a pesquisa sobre as células embrionárias extraídas de embriões humanos ou tecidos de fetos abortados só alcançou seu auge a partir de 1998. A decodificação do genoma

humano alimentou logo a esperança de ver desenvolverem-se as terapias genéticas em maior escala e também suscitou o interesse econômico pelo aproveitamento destas tecnologias. Quanto ao debate público sobre os avanços da neurobiologia e das perspectivas de manipulação das funções cerebrais, não é muito anterior. Trata-se, em todos os casos, de especulações, e ninguém pode dizer, com certeza, o que há nelas de imaginação ou de predição. Tendo em conta o ritmo destes desenvolvimentos, nos convém, contudo, antecipar certas eventualidades, formulando hipóteses.

Manipulação genética – ‘a pergunta que eu faço’

Clarín - Que tipo de hipótese se coloca para pensar este tema?

Habermas - Pessoalmente, me interessa, sobretudo, a seguinte pergunta: Como se transformará a nossa visão de nós mesmos como pessoas que levam a sua própria vida e devem dar conta de seus atos, se um dia chegarmos a nos acostumar a manipular as nossas disposições genéticas ou nossas funções cerebrais? Não temo a influência de um naturalismo científico sobre nossa consciência cotidiana: esse é um tipo de determinismo sobre o qual a gente se equivoca. Pelo contrário, se nos habituássemos a empregar tecnologias por meio das quais intervimos no equipamento genético ou na base mesma das operações mentais de outras pessoas, nossa visão normativa sofreria uma transformação feroz. Afetaria a singular consciência de fundo que acompanha todas as nossas atividades: a de que somos seus autores; a certeza de que somos capazes de fazer com que nossas opiniões e atitudes só sejam determinadas por razões. Se essa consciência da liberdade fosse tacitamente erodida por práticas normalizadas de manejo a distância, também as nossas instituições democráticas se apoiariam sobre pés de barro. Desde Rousseau, se supõe que o cidadão democrático se distingue por se entender não só como destinatário das leis, mas também como seu autor.

A manipulação pré-natal e a liberdade ética.

Clarín - Essa é, de fato, a preocupação central de seu último livro. Mas, por que a manipulação do genoma humano nos levaria a deixar de nos considerar os autores responsáveis pela nossa vida, e a afetar o respeito entre as pessoas?

Habermas - Primeiro, insisto em que não sou biólogo, e ignoro se a hipótese de um “shopping com um supermercado genético” chegará a ser uma realidade algum dia. Cabe esperar que a idéia do “desenho de bebês” se mantenha na pura especulação. Dito isso, a questão é séria demais para não pensar – a título de hipótese – que um dia desses poderíamos estar na presença de um eugenismo positivo que supere a simples terapia preventiva. Os pais teriam a possibilidade e o direito de atuar antes do nascimento de seus filhos sobre algumas de suas características, disposições ou aptidões monogenéticas. Aqui prevejo a possibilidade de que o adolescente que venha a tomar conhecimento da manipulação pré-natal da que foi objeto se sentirá limitado em sua liberdade ética. O adolescente poderá pedir explicações a seus pais, responsáveis pelo seu desenho genético. Ele poderá reprová-los pelo fato de o terem dotado de um talento matemático e não de aptidões atléticas ou musicais que o teriam tornado mais capaz para ser atleta ou pianista, que são as carreiras de seus sonhos. Ele poderá ainda reconhecer-se como o único autor de sua biografia, quando conhecer as intenções que guiaram os co-autores na eleição de seu perfil genético? É certo que os pais desejam o melhor para seus filhos. Mas não podem saber qual dote será “o melhor” no contexto imprevisível de uma biografia que não é a sua.

Devemos impor restrições

Clarín - Como se poderia evitar o risco de condicionar “demais” outro ser humano?

Habermas – Parece-me que a única forma de excluir o risco de um condicionamento eugênico abusivo é fazer com que toda intervenção com vistas a modificar características obedea a um ponto de vista “clínico”: aquele que se adota a respeito de uma segunda pessoa da que cabe supor que daria seu consentimento. Mas isso só se dá no caso das doenças hereditárias que provocam uma enfermidade extrema e cujo prognóstico foi estabelecido com certeza. Não podemos partir da idéia de um consenso amplo exceto para o rechaço dos males maiores, pois em linhas gerais novas orientações axiológicas são muito divergentes. Por outro lado, nos sentimos particularmente orgulhosos desse pluralismo.

Por uma ética da espécie humana

Clarín - A suas idéias já conhecidas sobre a moral, o direito e a democracia, você acrescenta hoje teses novas sobre uma “ética da espécie humana”. Como a define?

Habermas - Nas sociedades liberais, a Constituição garante a todo cidadão a liberdade “ética” de fazer sua vida, no marco das leis, como queira. Todos temos que poder decidir o que é bom para nós e que pessoa desejamos ser. Suponhamos, por outra parte, que um acordo geral só se poderia obter, no melhor das hipóteses, a propósito do que convém a todos, ou seja, o que é “justo”, enquanto as idéias quanto a uma “boa” vida, não arruinada, diferem segundo as culturas e as formas de vida, as pessoas e as biografias. Por excelentes razões, tais projetos de vida só se apresentam no plural. Mas as intervenções biotecnológicas nas bases naturais da vida do homem nos defrontam com o desafio de uma necessidade de regulação em escala planetária, mesmo a respeito das questões de ética. Já não se trata de questões de justiça que podem ser resolvidas na base dos direitos humanos. Saber se desejamos proscrever a clonagem em todo o mundo depende de como desejamos compreender-nos como membros da espécie humana. Por isso, a controvérsia sobre as diferentes “visões de homem” que competem entre si adquire uma significação política. E o âmbito no qual essa controvérsia se desenvolve é o da “ética da espécie humana”.

A importância das religiões hoje

Clarín - Você insiste nos conteúdos religiosos que seria preciso traduzir na linguagem moral desta época. Como você concilia este interesse pela religião com a perspectiva de uma “ética da espécie humana”?

Habermas - As “visões de homem” se apresentam no plural, assim como as visões de mundo naturalistas e espiritualistas, humanistas e anti-humanistas, religiosas e laicas das quais fazem parte. Mas ocorre que nos vemos obrigados – mesmo em questões políticas que afetam a substância da visão controversa que temos de nós mesmos – a chegar a um entendimento em escala mundial. Nesta disputa, as visões de mundo de caráter laico não gozam para nada, à primeira vista, de um *status* privilegiado. Naturalmente, em nossas sociedades pós-seculares, a ciência institucionalizada ostenta o monopólio do “saber quanto ao mundo”. O “criacionismo” não pode aspirar ao mesmo reconhecimento público que uma teoria científica que assume o fato de ser falível. Sobre as questões empíricas, confiamos nos especialistas para que estabeleçam o que a sociedade deve considerar como verdadeiro ou falso – por exemplo, diante da Justiça. Mas, em matéria de ética, onde as questões dependem em grande parte das visões de mundo, nenhuma instituição pode evitar que os cidadãos formem seu próprio critério. Mas, a visão de mundo do naturalismo científico não é uma ciência: é uma síntese elaborada a partir de informações científicas que compete com outras visões de mundo. Em questões fundamentais de ética política, as vozes religiosas têm o mesmo direito de se fazerem ouvir no espaço público. Contudo, as opiniões apresentadas mediante uma retórica religiosa não

contarão com assentimento democrático a menos que se traduzam numa linguagem universalmente acessível, por exemplo, uma linguagem filosófica.

A dialética da razão e a dinâmica autodestrutiva de uma modernização acelerada não são descobrimentos recentes. É no contexto de uma secularização que sai dos trilhos onde se deve localizar o meu interesse por um enfoque respeitoso das tradições religiosas que se distinguem pela capacidade superior que tem de articular nossa sensibilidade moral. O trabalho de traduzir sua mensagem numa linguagem pública e universalmente acessível, empreendido num espírito que não queira criticar as religiões, seria o exemplo de uma secularização que salva em vez de aniquilar.

CONTRA HABERMAS E FUKUYAMA

*Publicamos a entrevista veiculada no jornal **Folha de S. Paulo**, em 22 de junho de 2003, feita pelo editor de Ciência do jornal, Marcelo Leite, com o filósofo esloveno Slavoj Zizek, professor do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubiana, Iugoslávia.*

Slavoj Zizek é um pensador tão eclético quanto penetrante, que não se acovarda diante da dificuldade que representa, hoje, tentar lançar algumas pontes entre as humanidades e as ciências naturais. Numa versão mais alongada do texto aqui reproduzido, destinada a figurar numa futura coleção de ensaios, o filósofo esloveno mistura, ainda, mais conceitos e nomes em seu liquidificador: o problema do Novo em Gilles Deleuze, a autopoiesis de Francisco Varela e Humberto Maturana, o gene egoísta e os memes de Richard Dawkins, mais G.W.F. Hegel, Maurice Merleau-Ponty, Jacques Lacan, Martin Heidegger - e por aí vai.

Em seu caso, porém, o ecletismo é bem-vindo. A mistura vem vitaminada com parentescos tão inesperados quanto convincentes e com distinções iluminadoras. Considere-se o caso da aproximação entre frankfurtiano pragmático Jürgen Habermas e o hegeliano liberal Francis Fukuyama, que vai além da temática manifesta de seus livros recentes sobre biotecnologia: apesar de tomarem sentidos opostos na questão da natureza humana, transcendental para um e empírica para outro, eles se reencontram na defesa conservadora de uma ignorância benevolente como única reação cabível às descobertas incômodas da biologia humana.

Leia, a seguir, as respostas por e-mail de Zizek sobre o relacionamento entre esses estranhos companheiros de viagem.

Seu artigo parece lançar Francis Fukuyama e Jürgen Habermas no mesmo saco daqueles que temerosamente rejeitam o conhecimento da biogenética de modo a proteger a "dignidade humana". O Sr. não acha que há uma grande diferença entre seus livros, respectivamente "Our Post-Human Future" [Nosso Futuro Pós-Humano, que será lançado em julho no Brasil pela Editora Rocco] e "Die Zukunft der menschlichen Natur" [O Futuro da Natureza Humana]?

Fukuyama, assim como Habermas, também insiste explicitamente na indeterminação da disposição genética individual e rejeita intervenções, não à pesquisa enquanto tal (e, por falar nisso, acho essa oposição entre mera pesquisa e intervenções práticas ingênuas demais e insustentáveis). A diferença entre Fukuyama e Habermas, no final das contas, é uma diferença entre o transcendental e o empírico: Fukuyama localiza a dignidade humana no fato biológico positivo de nossa "natureza humana" (nosso patrimônio genético único), enquanto para Habermas ela é um *a priori* transcendental simbólico que não pode ser baseado diretamente em nossas características empíricas. Mas o que Fukuyama e Habermas partilham, em sua oposição muito radical, é a tese de que nossa dignidade só pode ser mantida se mantivermos a

indeterminação da disposição genética individual, isto é, se nos abstermos de tentar controlar o núcleo de nossa personalidade por meio da manipulação biotecnológica. O que eu considero problemático é essa noção partilhada de que - para simplificar -, se for para reter nossa dignidade humana, é melhor não saber muito.

Não seria a hipersensibilidade de Fukuyama e Habermas à biogenética derivada de tomarem as promessas genômicas pelo valor de face, como ser possível manipular o comportamento humano por meio dos genes, quando há mais fantasia que realidade nesse determinismo genético prospectivo?

Acredito que nem Habermas nem Fukuyama tomam as premissas jornalísticas sobre a biogenética por seu valor de face. Sua hipersensibilidade abarca três níveis: 1. Embora muitas afirmações exageradas sejam feitas hoje em dia, é realista a perspectiva de intervenções biogenéticas que afetarão profundamente nossa identidade humana; 2. Já é duvidoso, hoje, o status ético dos psicofármacos disponíveis que "incrementam" nossas capacidades psíquicas; 3. Se os seres humanos tratam a si próprios, sua subjetividade, como objetos de manipulação tecnológica potencial, já estão se privando de uma dimensão-chave de sua dignidade humana.

O Sr. critica Fukuyama por não levar em consideração que a mente é um produto social. Não é exatamente a isso que Habermas se refere quando põe tanto peso no aspecto fundacional da ação comunicativa?

Habermas, é claro, está certo em sua insistência no aspecto fundacional da ação comunicativa. O que considero problemático é o seu conceito específico de ação comunicativa, que faz dele um "filósofo de Estado" exemplar. Quer dizer, a mais recente "crise" ética a propósito da biogenética recria a necessidade daquilo que justificadamente se chama de "filosofia de Estado": uma filosofia que, de um lado, chancela a pesquisa científica e o processo técnico e, de outro, limita seu amplo impacto sociossimbólico, isto é, impede-os de constituir uma ameaça à constelação teológico-ética existente. Não é surpresa que aqueles que chegam mais perto de satisfazer essa demanda sejam neokantianos (Habermas na Alemanha, Luc Ferry na França): o próprio Kant se debruçou sobre o problema de garantir, ao mesmo tempo em que se leva plenamente em conta a ciência newtoniana, que haja um espaço de responsabilidade ética fora do alcance da ciência, isto é, como disse o próprio Kant, ele limitou o escopo do conhecimento para criar o espaço da fé e da moralidade. E não estão hoje os filósofos de Estado enfrentando a mesma tarefa? Não está o seu esforço focalizado em como, por meio de versões diferentes de reflexão transcendental, restringir a ciência a seu horizonte de sentido predeterminado e, com isso, denunciar como "ilegítimas" suas conseqüências para a esfera ético-religiosa? Há duas maneiras principais de cumprir a tarefa: a kantiana (manter as esferas separadas) e a obscurantista, do tipo Nova Era (tentar demonstrar como os próprios resultados científicos - a física quântica, por exemplo - nos compelem a abandonar o materialismo e apontam para uma nova espiritualidade, gnóstica ou oriental).

O reconhecimento da opacidade do "Self", como o Sr. advoga na conclusão, vai necessariamente impedir que se insista numa solução racional para o desafio lançado pela genética, ao menos na esfera sociopolítica? É possível recusar intervenções genéticas induzidas pelo capitalismo por razões estratégicas, por coragem política e não por temor filosófico.

É claro que se devem recusar as intervenções genéticas em seres humanos induzidas pelo capitalismo - eu mesmo apóio totalmente essa recusa. Mas isso não resolve o problema de

confrontar as implicações propriamente filosóficas da biogenética, isto é, o modo como ela nos compele a redefinir nossas noções correntes da liberdade e da dignidade humanas.

INGERÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE DA PESSOA HUMANA

*Reproduzimos, na íntegra, a entrevista concedida por Monique Canto-Sperber, filósofa e membro do Comitê Consultivo Nacional de Ética para as Ciências da Vida e da Saúde da França, ao **Le Monde**, em 12 de fevereiro de 2003. Monique é autora do **Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale**. (Dicionário de Ética e Filosofia Moral). Paris: PUF, 1996. Este livro será publicado no próximo mês de agosto em português pela Editora Unisinos, que já fez seu pré-lançamento. Os subtítulos e a tradução são dos colegas do Cepat.*

Novas práticas carregam o risco de eugenismo

Le Monde - Os recentes progressos relativos à clonagem, ao diagnóstico pré-implantatório ou pré-natal, às terapias genéticas, à procriação clinicamente assistida, comportam um risco eugênico?

Monique Canto-Sperber - Os progressos biotecnológicos deram aos homens novas capacidades de ação, em particular em matéria de procriação. Isso pode provocar um sentimento de entusiasmo, o sentimento de que tudo é possível ou o será em breve. Mas esta liberdade leva a refletir sobre os limites que é preciso impor a ela em matéria de procriação, limites justificados por razões que seriam tratadas para a proteção dos bebês que nascerão e para a possibilidade de uma sociedade aceitar um certo número de práticas em função do estado dos costumes e do consenso moral que é o seu. Em matéria de procriação, nós começamos com a procriação clinicamente assistida que era destinada a remediar muitos casos de esterilidade incuráveis de outro modo. A segunda etapa importante esteve ligada à prática de diagnósticos pré-implantatórios, que permitem saber se o embrião que vai ser reimplantado no útero da mulher, após uma fecundação *in vitro*, é saudável. O DPI permitiu acessar conhecimentos sobre o estado de saúde dos fetos que eram completamente inacessíveis anteriormente. Recentemente, nós nos perguntamos se esse diagnóstico pré-implantatório poderia ser estendido a fim de saber não somente se o embrião é saudável, mas também se ele apresenta algumas características imunológicas que poderão permitir eventualmente uma doação de órgão a favor de um bebê da mesma irmandade já nascido e doente. Última etapa, e ainda largamente hipotética: a clonagem, que daria um poder ainda maior em matéria de procriação. Com efeito, com a clonagem, teríamos a possibilidade de realizar uma fecundação que daria o domínio sobre a identidade genética da pessoa – ou seja, que nos permitiria criar uma pessoa, a partir de um patrimônio genético bem identificado. Todas essas novas práticas carregam um risco de eugenismo, que estava presente desde que a IVG [Interrupção voluntária da gravidez] foi legalizada, sobretudo com a extensão, que remonta a 2000, do prazo legal. Já que atualmente o abortamento depende da vontade da mulher até a 12ª semana de gestação e, que entre a 10ª e a 12ª semana, podemos ter informações sobre o estado de saúde do feto, informações que podem levar a tomar uma decisão de abortamento, mesmo quando a gravidez é desejada. O risco de eugenismo está ainda mais presente com a prática do diagnóstico pré-natal e do diagnóstico pré-implantatório. Enfim, a clonagem reforçaria certamente a ameaça de eugenismo, já que daria a possibilidade de escolher um patrimônio genético que poderia, eventualmente, apresentar algumas características genéticas valorizadas socialmente. Mesmo sem chegar a isso, permanece que a aceitação progressiva do eugenismo para nossas sociedades – aceitação que está implícita e não é claramente assumida pela sociedade – é completamente evidente, mesmo no interior das práticas mais legais, das mais autorizadas.

O risco da intromissão na identidade da pessoa humana**Le Monde - Essas novas técnicas colocam questões sobre o homem...**

Canto-Sperber - O que é o homem? Numa perspectiva biológica, um ser humano é o produto de uma fecundação bissexual, na qual se confundem um material genético vindo da mulher e um material genético vindo do homem. A grande diferença com a prática da clonagem é que renunciaríamos de alguma maneira a esta procriação bissexual.

Le Monde - A humanidade pararia na clonagem?

Canto-Sperber - De modo nenhum. O modo de procriação humano tradicional é o da reprodução bissexuada. Mas eu não identifico a pessoa pela maneira como ela foi gerada. Para mim, o que faz a humanidade é o nascimento. Uma vez que um ser nasceu e que nasceu humano, a dignidade da qual é portador tem pouca coisa a ver com a maneira de como foi gerado. O fato de que tenha sido procriado por clonagem ou por reprodução bissexuada não tem nenhum impacto sobre a definição da humanidade. Mas, dito isso, não me parece que falta autorizar a possibilidade de criar seres humanos por clonagem. E isso por uma razão muito simples: uma vez que se clona um ser humano, é preciso escolher seu patrimônio genético. Esta escolha do patrimônio genético é uma espécie de intromissão na vida da pessoa que vai nascer, uma intromissão na sua identidade, sem nenhum equivalente em nossa cultura (quando se sonha que uma pessoa pode decidir pela vida de outra). O fato de que ela deve seu patrimônio genético à decisão de qualquer outra pessoa me parece um atentado muito grande à autonomia e à independência da pessoa. É uma coisa sem paralelo em nossa cultura contemporânea, que está fundada sobre a liberdade e a independência dos seres uns em relação aos outros. Seres humanos nasceriam e uma parte de sua identidade teria sido objeto da deliberação de outros seres, de modo algum de maneira negativa, como quando se escolhe colocar ou não uma criança no mundo, mas de maneira positiva, pela escolha do genoma que será o seu. Entretanto, caso esses seres humanos clonados vierem a nascer, uma vez que nasceram, não se deve aplicar a eles nenhuma diferença de tratamento.

Determinar o genoma do outro é correto?**Le Monde - Habermas se opôs à clonagem reprodutiva em nome da liberdade individual das pessoas que seriam de alguma maneira geneticamente programadas...**

Canto-Sperber - Eu estou em parte de acordo com Habermas. Eu parto daquilo que é o fundamento da nossa civilização liberal, a liberdade negativa, entendida como não-dominação de uma pessoa sobre outra ou não-ingerência de uma pessoa na vida de outra. Ora, eu acredito que determinar o genoma de qualquer pessoa é, de certa maneira, se imiscuir na constituição da personalidade desta outra pessoa. Não há nenhuma idéia da escravização (dependência) concreta, mas há a idéia, na pessoa que vai nascer, de que ela deve qualquer coisa que lhe é própria à outra.

Le Monde - Entre os autores que escreveram sobre a clonagem ou os recentes progressos na genética, Francis Fukuyama se opôs à clonagem em nome da igualdade. Ele pensa que esta possibilidade de escolher os genes de sua descendência em vista do aperfeiçoamento será reservada àqueles que terão os meios, criando um novo fosso entre aqueles que podem se aperfeiçoar e os outros. O que a Sr^a. pensa disso?

Canto-Sperber - Pode ser o caso, mas numa situação que me parece ser uma vista do espírito, uma situação na qual a clonagem seria utilizada como um modo de reprodução ordinário dos seres humanos. Ora, mesmo entre aqueles que defendem a clonagem reprodutiva, não se trata

disso. A clonagem é considerada eventualmente uma técnica ainda mais sofisticada de remediar até a esterilidade. Mas eu não penso que haja a menor possibilidade realista de que a clonagem se torne um modo de reprodução entre as pessoas que têm a possibilidade de se reproduzir de outra maneira. Pelo contrário, no caso em que a clonagem seria utilizada para remediar até casos de esterilidade, é o tráfico de óvulos, ligado à necessidade de se procurar oócitos, que representaria uma ameaça muito mais direta.

A herança genética não é tudo

Le Monde - A Sr^a. é, pois, contra a clonagem reprodutiva, mesmo se ela for enquadrada e estritamente reservada aos casais estéreis?

Canto-Sperber - Sim, mesmo nos casos em que há uma razão, respeitável do ponto de vista moral, para recorrer à clonagem. Antes de tudo, se os pais querem ter um bebê e não chegam a tê-lo de outra maneira senão pela clonagem, não podemos desaproveitar moralmente o desejo de ter um bebê por meio da clonagem se esta é a única possibilidade que lhes resta. Mas, mesmo neste caso, me parece que é preciso evitar a clonagem pela razão mencionada anteriormente.

Le Monde - Essas questões levam a refletir sobre o que funda a filiação. A sociedade dá muita importância à herança genética e pouca a tudo o que esses pais podem inculcar em suas crianças naturais ou adotadas?

Canto-Sperber - Há períodos em que se valoriza muito mais o adquirido, outros em que se valoriza mais o inato. De vinte ou trinta anos para cá, me parece que nós damos mais atenção àquilo que é inato nas pessoas e àquilo que é transmitido no patrimônio genético. Mas as duas aproximações, por inato e por aquisição, me parecem poder caminhar juntas. Em matéria de filiação, é verdade que o que faz com que um filho seja filho de seus pais é a maneira como essas pessoas que se dizem pais o educaram. É a dimensão relacional que me parece fundadora do laço pais-filhos. Não é o fato de que a identidade genética deva alguma coisa aos seus pais. Não é preciso exagerar essas questões de filiação em matéria de clonagem. Em todo caso, essa não me parece fornecer uma razão decisiva para ser contra. Nós exageramos muito, sem dúvida, os problemas de semelhanças que existirão com a prática da clonagem. Nós não temos nenhuma idéia do grau em que um clone se assemelharia à pessoa a partir da qual ela é clonada. Os gêmeos se parecem certamente, mas eles crescem no mesmo oócito. Ora, para os clones, haveria um desvio de geração e o crescimento não se faria no mesmo oócito. Parece-me que não podemos regular estas histórias de filiação de maneira convencional e dizer que a condição necessária para a relação de filiação pais-filhos é um desvio de geração.

Terapia genética com qual objetivo?

Le Monde - No que diz respeito à terapia genética, a Sr^a. pensa que o homem pode correr o risco de se modificar geneticamente? A essência do homem é evoluir, se aperfeiçoar? Ou, ao contrário, devemos considerar que essas manipulações são perigosas e que a essência do homem é a imperfeição – o que faz com que seja um ser moral?

Canto-Sperber - A essência do homem é uma coisa difícil de definir. Em todo caso, ela só está em parte no genoma humano. A terapia genética pode ter duas funções que são radicalmente diferentes. Uma é negativa e consiste em erradicar as doenças. Nesse caso, eu não vejo em que ela não se inscreveria no processo extremamente antigo, na espécie humana, de autmelhoramento. Ao contrário, para a outra função da terapia genética que consistirá em selecionar características positivas no sentido de características valorizadas socialmente, eu penso que haveria um consenso geral para desaproveitar este tipo de coisas. A prática deste tipo

de eugenismo seria, num prazo curto de tempo, nociva, porque o que foi o fator essencial do progresso humano é a extrema diversidade. Toda prática da terapia genética que visasse reduzir esta diversidade, feita para aumentar os bons caracteres, provar-se-ia contra-producente.

Bioética

Le Monde - Também se coloca a questão do estatuto do embrião. Se ele não pode se beneficiar da proteção dos direitos humanos, pode então ser instrumentalizado como um objeto? Como a Sr^a. pretende conseguir regular esta questão no Comitê de Ética?

Canto-Sperber - O Comitê de Ética é muito preso à idéia de pessoa humana potencial concernente ao embrião. Esta o leva a dispensar um certo tratamento ao embrião e a dizer que não se pode tratá-lo como coisa. No que me diz respeito, eu farei uma distinção em função dos diferentes estágios do desenvolvimento embrionário. A meu ver, não se pode falar de embrião *stricto sensu* antes da fecundação. A fecundação, como tal, não me parece legitimar que se possa olhar a primeira célula, a célula totipotente, como uma pessoa humana potencial. Enquanto não houver fecundação, as condições do desenvolvimento não estão dadas. Portanto, as pesquisas nos primeiros estágios, extremamente precoces, do desenvolvimento do embrião me parecem admissíveis. Não é o ideal, mas se há ganhos terapêuticos que podem melhorar e, eventualmente mesmo salvar a vida de pessoas gravemente doentes, eu penso que há uma ponderação de exigências favoráveis à pesquisa sobre os pré-embriões.

Le Monde - A bioética é um campo de reflexão muito novo, que se inicia a partir dos anos 1960-1970. Onde está a sua reflexão no Comitê de Ética, como evolui a bioética?

Canto-Sperber - Eu penso que ela é cada vez menos absolutista e cada vez menos arraigada a dogmas muito pouco refletidos sobre a dignidade humana, os direitos humanos, etc. Ela considera que há tabus intransponíveis, em particular, todos esses que poderiam comprometer a vida do bebê que virá ou o conforto de sua existência. A consideração do bebê que vai nascer está cada vez mais presente nas reflexões bioéticas. Há também uma consciência crescente de que nenhuma solução é ótima e que, em domínios como esses, navega-se sempre entre dois males, e é importante saber qual é o mal menor.

VIVA A REPRODUÇÃO NATURAL!

*Reproduzimos, integralmente, o artigo de Luc Montaigner, com o título acima, publicado no jornal **Clarín**, em 5 de fevereiro de 2003. O artigo foi originalmente publicado no jornal francês **Le Monde**. A tradução e os subtítulos são dos nossos colegas do Cepat, de Curitiba. Luc Montaigner é co-descobridor do vírus da Aids e membro da Academia de Ciências da França. Dirige, em Paris, a Fundação Mundial para Pesquisa e Prevenção da Aids, associada à Unesco. **IHU On-Line** publicou uma entrevista com Luc Montaigner na edição número 64, de 16 de junho de 2003, páginas 19-22.*

Todos os dados de que hoje dispomos indicam que a grande complexidade dos seres vivos, entre eles o homem, derivam, a partir da origem da vida na Terra, da acumulação progressiva de modificações nos planos molecular e supramolecular. Todas estas modificações foram memorizadas num banco de dados cujo código é único em todos os seres vivos e está cifrado em filamentos moleculares de grande extensão, o DNA dos cromossomos. Nós, seres humanos, contamos com uma experiência de 3,5 milhões de anos. Trata-se de nosso patrimônio genético, nosso bem comum, e o transmitimos de geração em geração. No que diz

respeito à evolução do homem a partir dos hominídeos – nos últimos 8 milhões de anos –, alguns podem crer que uma inteligência superior lhe deu um ‘empurrãozinho’ que propiciou o surgimento de uma civilização humana. Na verdade, poderia tê-lo feito sem necessidade de tocar a experiência biológica do homem, mas tão somente mediante a ação sobre a superestrutura cultural que se transmite de geração em geração através da língua e da escritura.

Prudência

É por isso que, tanto as razões teológicas como as científicas, devem incitar-nos a uma grande prudência na manipulação desse patrimônio genético tão precioso. O fato de que, nos últimos tempos, tenhamos compreendido certo número de coisas sobre sua natureza e sua transmissão não implica que devamos torná-lo objeto de todo tipo de manipulações, cujas conseqüências poderiam ser imprevisíveis.

A reprodução sexual é a que caracteriza os seres vivos mais complexos – animais e vegetais – porque é o melhor sistema para proteger esse patrimônio e, ao mesmo tempo, permitir sua evolução num meio de condições cambiantes. Implica a precisa conjugação numa célula receptora – o óvulo feminino – dos patrimônios genéticos – o do óvulo e da contribuição da célula masculina, o espermatozóide –, assim como a leitura e a réplica ordenadas desses dois patrimônios no desenvolvimento do ovo fecundado, que se transforma em embrião como conseqüência de sucessivas divisões celulares. A vantagem é que, ao se produzir um erro, uma mutação num gene de um dos patrimônios, o risco de que tal mutação se produza também no outro é muito baixo, e as conseqüências negativas de tal erro, geralmente ficam eliminadas. Pelo contrário, se o erro derivasse numa vantagem para o indivíduo, poderia conservá-lo de maneira seletiva, o que permitiria o surgimento de uma nova ‘modificação’, que se conservaria nas gerações seguintes.

A fantástica reprodução humana

Tal sistema de reprodução implica o desaparecimento dos indivíduos, que passam a ser inúteis depois de sua reprodução. A morte depende de programas que se encontram inscritos no patrimônio genético e adiantam a deterioração ‘espontânea’ do organismo como conseqüência das agressões do meio. Outros programas asseguram o encontro de dois indivíduos – os portadores de células masculinas e femininas – segundo um determinismo químico e de comportamento. A isso chamamos sexualidade. Quando a população é numerosa, no entanto, o encontro dessas duas pessoas é também uma questão de azar. Dizem que o amor é cego. O azar também pode estar presente na maturação e no encontro de suas células sexuais. Os ovários de um embrião feminino contêm vários milhões de óvulos imaturos. A maior parte desses óvulos morrerá de forma espontânea antes do nascimento, de modo que os ovários da menina conterão apenas poucas centenas dos mesmos. Sua sobrevivência é apenas uma questão de azar? Não o sabemos.

Logo, durante o período de maturidade sexual, uma parte desses óvulos amadurece e migra dos ovários para as trompas um a um, segundo um determinismo hormonal rigoroso, mas que aprendemos a conhecer e modular.

No que diz respeito às células masculinas, em cada ejaculação há vários milhões de espermatozoides de grande mobilidade que irão ao encontro do óvulo. Apenas um, aquele que nada mais rápido, ganhará a corrida, quer dizer, que penetrará o óvulo e lhe dará seu material genético. Acaso o melhor nadador é aquele que têm o melhor patrimônio genético, ou é o azar que determina o encontro? Não o sabemos, mas isso deve instar à prudência àqueles que praticam a injeção direta de uma célula masculina num óvulo.

Clonagem – uma linda experiência no plano teórico, porém...

Depois da fecundação, a leitura de ambos os patrimônios não começa de imediato. O óvulo é uma célula grande. Não apenas uma célula grande. Não apenas acumulam também mensagens genéticas que estão distribuídas de forma homogênea em seu citoplasma, os quais servirão à produção de proteínas no curso das primeiras divisões. O núcleo, produto da fusão de ambos os patrimônios genéticos, permanece inerte durante um tempo, o que permitirá ao manipulador hábil fazê-lo desaparecer e substituí-lo por outro sem que haja nenhum prejuízo aparente. Isso é o que se fez, nos últimos anos, em animais domésticos, começando pela ovelha Dolly e outras. No núcleo que contém o novo par de DNA do óvulo e do DNA do espermatozóide, o manipulador hábil substitui o par anterior que existe em cada célula do indivíduo portador adulto. Aparentemente, o óvulo não se inteira de nada e se desenvolve numa mãe portadora como um embrião saudável – também aparentemente – até o nascimento.

Trata-se de uma linda experiência no plano teórico: nos ensina que, pelo menos em certas células que procedem de tecidos diferenciados de nosso organismo adulto, o patrimônio genético, se bem compactado e lido de forma parcial, muito diferente daquele que surge do núcleo de um ovo fecundado, pode ser 'lido' novamente e de maneira correta por parte do citoplasma do óvulo aos efeitos de induzir uma nova diferenciação embrionária completa. O patrimônio genético é uma partitura musical para orquestra em dois exemplares. É uma base de dados.

... sabemos ainda muito pouco

Mas a leitura das notas e a execução musical correspondem ao diretor da orquestra, que está formado por essas proteínas citoplasmáticas que o óvulo acumulou. Cada célula de um órgão diferenciado pode ser comparada a um músico da orquestra. Cada um deles conta com a partitura completa, mas não pode interpretar mais que a parte que lhe corresponde. No começo do concerto, um prestidigitador hábil faz desaparecer as partituras do diretor de orquestra e as substitui pelas do violoncelista. O diretor não se dá conta e, imperturbável, ataca as primeiras notas...

Qual é a natureza dessas proteínas do óvulo que podem executar corretamente o programa de desenvolvimento? Não o sabemos. De fato, nosso conhecimento dos mecanismos do desenvolvimento embrionário é muito... embrionário. Por outro lado, neste tipo de experiências, os fracassos são muito mais numerosos que os êxitos. Não é raro: a célula de um tecido diferenciado – a pele, por exemplo – está submetida a fatores do meio que podem induzir mutações de seu patrimônio genético (a exposição aos raios ultravioletas, por exemplo). A partitura tem notas que desentoadam...

Conseqüências da clonagem podem aparecer em futuras gerações

Também se esquece que existem mecanismos de recombinação genética nas células diferenciadas que podem mudar a localização de certos genes e, portanto, sua leitura. Por sobre todas as coisas, se ignoram os efeitos no longo prazo de tais operações sobre a descendência desses animais. Com efeito, o perigo não deriva da existência de grandes defeitos no genoma. Estes ficam eliminados mediante a morte espontânea do embrião e do aborto. Contudo, as modificações mais sutis que afetam o sistema nervoso, a conduta, o aparecimento do câncer, não podem ser detectados senão mediante um seguimento ao longo de grande quantidade de gerações produto do primeiro 'clone'.

Clone: um gêmeo deslocado no tempo. Apenas isso

Clone: apareceu finalmente a palavra que assusta a muitos de nossos semelhantes. No que diz respeito ao ser humano, seria mais correto e mais modesto falar de 'cópia biológica'. Inclusive de dois seres que têm o mesmo patrimônio genético – que já é o caso dos gêmeos verdadeiros, que procedem da divisão de um mesmo ovo –, sua experiência, que memorizam os circuitos neuronais do cérebro, não se transmite geneticamente. Portanto, a cópia genética da minha pessoa não sou eu mesmo, mas um gêmeo deslocado no tempo. Talvez o gêmeo viva a mesma quantidade de tempo que eu, talvez morra antes, vítima de um câncer ou de algum transtorno cerebral. E talvez isso se agrave no caso de seus descendentes.

O sonho da imortalidade não permite 'experiências'

O sonho humano da imortalidade do indivíduo não pode se concretizar dessa maneira. Talvez algum dia seja possível fazer cópias verdadeiramente fiéis, algo assim como o teletransporte das novelas de ficção científica, graças aos avanços da física, mas isso faria com que a reprodução biológica e a sexualidade ficassem obsoletas, a menos que as conservássemos em alguns indivíduos.

No que diz respeito às situações específicas nas quais se deseja um filho, pode-se entender o desespero de alguns casais, o que os leva a recorrer a qualquer artifício de cópia biológica. É preciso responder-lhes que, por enquanto, não constitui algo comprovado, que supõe um risco de aborto tardio muito freqüente na mãe portadora e que há muitas incertezas no que se refere às modificações a longo prazo do patrimônio genético da criança como para que a satisfação de uma necessidade sentimental imediata se leva a cabo a expensas de uma descendência imprevisível.

É preciso proibir a 'clonagem reprodutiva'

Assim como é necessário que se continue a pesquisa com animais, como a minha voz à de todos os que desejam a proibição da reprodução humana por meio de células somáticas, quer dizer, da 'clonagem reprodutiva', em nome do futuro da humanidade. Como alcançar essa proibição? É preciso alcançar um amplo consenso internacional a favor da proibição desse procedimento mediante uma decisão que se aprove por unanimidade na ONU.

Atualmente, há um bloqueio a tal resolução devido a um desacordo sobre a extensão dessa proibição à 'clonagem terapêutica'. Trata-se de usar o excedente de embriões procedente das fecundações *in vitro* para gerar células que tenham a possibilidade de produzir células diferenciadas, que permitam regenerar órgãos deficientes. Estas células carecem de antígenos de transplante, pelo que podem incorporar-se sem risco de rechaço por parte de um indivíduo qualquer. Todo adulto tem células que conservam certa possibilidade de rediferenciação segundo o meio tissular nas quais são situadas. O perigo de que as células embrionárias favoreçam o desenvolvimento de câncer (teratocarcinomas) não está ausente.

Definitivamente, se for comprovado que se trata de uma via terapêutica importante, é de se esperar que não se estabeleça um tráfico internacional de embriões que tem por base as mulheres dos países pobres, tal como esse que atualmente existe para a venda de determinados órgãos (rins). Se o preço que é preciso pagar para obter um consenso generalizado para a proibição da clonagem reprodutiva é o de agregar a proibição, pelo menos provisoriamente, da clonagem terapêutica, trata-se de um preço que é preciso aceitar.

Evidentemente, tal medida não será suficiente nem colocará fim às atividades clandestinas. Para isso é necessário o concurso de pesquisadores que tenham determinada bagagem técnica. Seria preciso incorporar uma barreira ética e exigir a qualquer pesquisador uma tese ou antecedentes públicos ou privados, um compromisso de não realizar clonagens humanas. Os que desrespeitarem esse acordo ficariam excluídos dos laboratórios públicos ou privados. Em

resumo, é preciso apelar para o espírito de responsabilidade e para a consciência moral dos pesquisadores e daqueles que recorrerem a eles, mediante grande quantidade de informação que resulte acessível a todos. Viva a reprodução natural!

ACONTECE

ESTADO E POLÍTICAS SOCIAIS NO BR

Tranqüilo Fiametti, integrante da área de concentração Ética, Cultura e Cidadania do IHU, participou do seminário nacional *Estado e políticas sociais no Brasil*, realizado de 26 a 28 de junho, na Uniãoeste, em Cascavel, Paraná. Na ocasião, Tranqüilo apresentou um trabalho denominado **Movimentos populares: espaço de conquista e ampliação de cidadania**. O seminário compôs-se de conferências, abordando as temáticas da Assistência Social e Educação. Ao todo, foram apresentados 132 trabalhos.

PROFESSORES DA ÁREA II: TRABALHO, SOLIDARIEDADE E SUSTENTABILIDADE DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS PARTICIPAM DE EVENTO EM CHAPECÓ/SC

Nos dias 30, 31/07 e 1/08/03 vai ocorrer o VII Encontro da Regional Sul da Unitrabalho, na Unochapecó, na cidade de Chapecó/SC. O evento acontece cada ano em um dos três estados do Sul do País. O objetivo do encontro é reunir os professores e bolsistas que estão pesquisando as transformações no mundo do trabalho. O tema do VII Encontro é "Políticas de Economia Solidária e Microcrédito". Estarão presentes Paul Singer, atual Secretário de Economia Solidária do governo Federal, que vai proferir conferência sobre "Políticas Públicas de Economia Solidária", Francisco Mazzeu, diretor executivo da Unitrabalho, falará sobre "Economia Solidária e Microcrédito". Da Unisinos, participarão os professores Dáris Corbellini, coordenador da Área II: Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do Instituto Humanitas Unisinos, Maria Clara Bueno Fischer, do PPG Educação e Ana Mercedes Icaza, articuladora do GT Economia Solidária do IHU. Os três participam com apresentação de trabalhos. Também estarão no encontro seis bolsistas da Unisinos: Janine Rossato (bolsista do Prof. Dáris Corbellini), Márcio Hoff (bolsista da Profª Dulce M. de Oliveira), Débora Baierle e Antônia R. Leite (bolsistas da Profª Maria Clara Bueno Fischer), Aline Mendonça (bolsista do Prof. Luiz Inácio Gaiger) e Rossana Kirsch (bolsista da Profª Ana Mercedes Icaza). Todos vão participar com apresentação de trabalhos.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

No momento em que a questão da propriedade da terra volta com força no noticiário, reproduzimos o artigo de Fábio Konder Comparato, jurista, doutor pela Universidade de Paris, professor titular da Faculdade de Direito da USP e doutor honoris causa da Universidade de Coimbra. É autor de **A Afirmação Histórica dos**

Direitos Humanos. São Paulo: Saraiva, 1999, entre outras obras. O artigo foi publicado na Folha de S. Paulo, em 22 de janeiro de 2003.

IMPROPRIEDADES

Fábio Konder Comparato

Albert Camus observou certa vez, com razão, que denominar incorretamente alguma coisa aumenta o grau de infelicidade no mundo. Analogamente, pode-se dizer, com absoluta segurança, que a errônea qualificação jurídica de um fato aumenta o grau de injustiça no mundo.

A atual polêmica sobre as atividades dos integrantes do MST bem ilustra essa verdade. Se a defesa do status quo agrário é feita em privado com capangas armados, ela se apresenta, publicamente, envolta em deliberada confusão terminológica.

Começemos por assinalar a distinção básica entre trabalhadores agrícolas e proprietários rurais. Aqueles podem ser assalariados ou não e, neste último caso, dispor ou não da propriedade de um fundo agrícola. Quanto a estes, pessoas físicas ou jurídicas, limitam-se a possuir a terra, deixando que o seu cultivo seja feito por outrem, trabalhadores subordinados ou arrendatários. O primeiro e fundamental direito dos trabalhadores agrícolas -como o de todo trabalhador, aliás- é obviamente o direito ao trabalho. Ele consiste, como declarado no Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (art. 6º, alínea 1), ratificado pelo Brasil, na "possibilidade de ganhar a vida mediante um trabalho livremente escolhido ou aceito". Ou seja, o equivalente à liberdade de iniciativa para os empresários.

Ora, para os trabalhadores agrícolas que não aceitam a condição de assalariados, a satisfação do direito fundamental ao trabalho exige, necessariamente, o reconhecimento do direito, também fundamental, de acesso à propriedade ou, pelo menos, à posse permanente da terra. O que supõe a adoção de uma política pública voltada à consecução desse resultado. É a reforma agrária. O Estado brasileiro, por conseguinte, não é livre de fazer ou deixar de fazer a reforma agrária. Trata-se de um dever fundamental dos poderes públicos -não só do Executivo, como ainda do Legislativo. E cumpre ao Judiciário e ao Ministério Público zelar pelo constante respeito a esse mandamento constitucional.

O primeiro e fundamental direito dos trabalhadores agrícolas é obviamente o direito ao trabalho

No quadro da política de reforma agrária, é indispensável distinguir, na propriedade agrícola, o direito fundamental do simplesmente ordinário. Quando o domínio fundiário não é indispensável à sobrevivência do proprietário e de sua família, não existe o direito fundamental declarado no art. 5º, inciso 22, da Constituição. O proprietário, nesse caso, é obrigado a dar à terra agrícola a sua destinação social (mesmo artigo, inciso 23).

Considerada, portanto, a atual polêmica sobre o MST à luz desses princípios, três conclusões impõem-se.

Em primeiro lugar, nas ações de manutenção ou de reintegração de posse de fundos agrícolas, o juiz não pode interpretar o art. 928 do Código de Processo Civil fora do quadro constitucional, deferindo a expedição do mandado liminar, sem verificar se o réu ou os réus são titulares de um direito fundamental de propriedade, ou simplesmente de um direito ordinário. Para tanto, deve o magistrado determinar que o autor justifique preliminarmente o seu pedido, com a citação da parte contrária, para produzir as suas alegações.

Em segundo lugar, é aberrante, como tem decidido reiteradas vezes o Superior Tribunal de Justiça, qualificar a ação coletiva dos trabalhadores sem terra, na defesa de seu direito fundamental ao trabalho, como prática do crime de quadrilha ou bando. Será preciso lembrar que era exatamente essa a qualificação dada por alguns tribunais, no século 19, à organização dos operários fabris em sindicatos?

Em terceiro lugar, a medida provisória nº 2.183-56, de 24 de agosto de 2001, tornada permanente por força da emenda constitucional nº 32, é perdidamente inconstitucional. Ela excluiu da reforma agrária os imóveis rurais "objeto de esbulho possessório ou invasão motivada por conflito agrário ou fundiário de caráter coletivo". Ora, os pressupostos do cumprimento do dever público de fazer a reforma agrária foram estabelecidos, de modo expresso e completo, no art. 186 da Constituição. Entre eles não se inclui o fato referido na citada medida provisória. Tratou-se, portanto, de uma grosseira tentativa de emendar a Constituição por via de decreto executivo.

Felizmente, nessa matéria, o governo Lula, ao contrário do que vem fazendo na desastrosa reforma previdenciária, tem respeitado a Constituição, sem ceder à formidável pressão que os grandes proprietários rurais veiculam através dos meios de comunicação de massa.

EVENTOS IHU

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

Inicia no dia 14 de agosto a programação do *Ciclo de Estudos sobre o Brasil* - 2ª. Etapa, que acontece durante o segundo semestre de 2003. O ciclo de estudos visa ao estudo das obras clássicas sobre o Brasil. Na primeira etapa do evento, realizada durante o primeiro semestre deste ano, foram estudados os livros *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

As inscrições para o módulo deste semestre, incluindo as cinco sessões, estão abertas e podem ser feitas no setor de Admissão e Matrícula da Unisinos. A taxa é de R\$ 30,00. Será fornecido certificado. As horas do Ciclo poderão ser computadas como atividade complementar para os acadêmicos dos seguintes cursos: Serviço Social, Biologia, Nutrição, Psicologia, Letras, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Direito, Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Comércio Exterior, Administração Hospitalar e Recursos Humanos.

Confira a programação da segunda etapa:

Data: 14 de agosto

Horário: 14h às 17h

Local: Sala 1C103

Livro: *Formação do Brasil contemporâneo* - Caio Prado Júnior

Profª. MS Márcia Eckert Miranda – Professora na Unisinos

Data: 11 de setembro

Horário: 14h às 17h

Local: Sala 1C103

Livro: *Formação econômica do Brasil* - Celso Furtado
Prof. Dr. André Moreira Cunha – Professor na UFRGS

Data: 09 de outubro

Horário: 14h às 17h

Local: Sala 1C103

Livro: *A revolução burguesa no Brasil* - Florestan Fernandes

Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva - Pesquisador na Fundação de Economia e Estatística (FEE)

Data: 16 de outubro

Horário: 20h às 22h

Local: Auditório Central

Tema: *Perspectivas do Brasil com o novo governo*

Prof. Dr. Francisco Maria Cavalcanti de Oliveira - Professor na USP

Data: 23 de outubro

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala 1C103

Tema: *A contribuição do gaúcho para a construção da identidade nacional*

Prof. Dr. Donald Schüler - Professor aposentado pela UFRGS

IHU IDÉIAS

Outro evento promovido pelo IHU que já faz parte da rotina acadêmica da Unisinos retoma suas atividades no dia 7 de agosto. A primeira sessão do **IHU Idéias** deste semestre terá como tema *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre seu conteúdo essencial*. Estará à frente do debate o Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio, do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos. O prof. Paulo Henrique é doutor em Ciências pelo Instituto de Física da UFRGS, e mestre em Física pela mesma universidade.

Acompanhe a seguir a programação do **IHU Idéias** para o mês de agosto:

14/08/03 – “Pomeranas, parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular”
- Profª. Drª. Edla Eggert – Professora na Unisinos.

21/08/03 – “A ciência é masculina? É sim, senhora” – Prof. Dr. Áttico Inácio Chassot - Professor na Unisinos

28/08/03 – “Igreja Universal do Reino de Deus: Igreja? Empresa? Partido Político?” – Prof. Dr. Ari Pedro Oro – Professor na UFRGS

ABRINDO O LIVRO

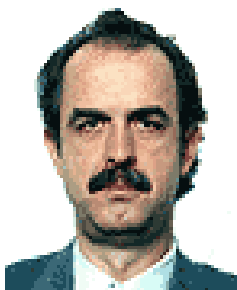
No próximo dia 26 de agosto, das 19h45min às 22 horas, realiza-se a próxima edição do evento **Abrindo o Livro**. O livro a ser apresentado e debatido é ***A Vinda de Deus: Escatologia Cristã***, de Jürgen Moltmann. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 374p. (Coleção Theologia Publica 3). Quem conduz o debate é o Prof. Dr. Pe. Frei Luiz Carlos Susin, professor do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre e da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana.

Confira as próximas edições de **Abrindo o Livro**:

Dia 29/09/03 – Apresentação do livro “*Obras Escolhidas Volume 1: magia e técnica, arte e política*”, de Walter Benjamin – Profª. Drª. Suzana Killp - Professora na Unisinos.

Dia 29/10/03 – Apresentação do livro “*Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua*”, de Giorgio Agamben – Profª. Drª. Márcia Tiburi - Professora na Unisinos.

IHU REPÓRTER



Volnei Pereira da Silva é vice-diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos. Engenheiro civil, é natural de Santa Maria e o mais velho de cinco irmãos. Fez seu curso superior na Universidade Federal de Santa Maria onde iniciou sua atividade como professor, tendo lá atuado durante cinco anos e meio. Filho de um comerciante e de uma bordadeira profissional, Volnei mostra grande paixão pela sua profissão, pela docência e pela família.

Início- Quando criança, tinha como maior passatempo o futebol. Aos 14 anos, comecei a jogar basquete no Corinthians de Santa Maria, onde permaneci durante dez anos. Estudei dez anos no Colégio Santa Maria, dos Irmãos Maristas, o que influenciou muito a minha formação nas ciências exatas, pois, aos 15 anos, já havia decidido que seria engenheiro.

Profissão- Sou de família humilde. Cedo tive que trabalhar para estudar. Ainda estudava Engenharia na UFSM, quando passei em concurso do Banco do Brasil. Fui nomeado para trabalhar na agência de Cruz Alta. Era período de férias escolares. Intercedi, junto à direção do Banco, para que fosse transferido para Santa Maria e, assim, pudesse continuar meus estudos. Como não consegui, três meses depois, pedi demissão. Retornando à minha cidade, comecei a trabalhar como professor de Física e de Matemática em escolas de ensino médio. Em 1969, concluí o curso de Engenharia Civil. Trabalhei um ano na Prefeitura Municipal de Santana do Livramento. No início de 1971, surgiu a oportunidade de trabalhar em uma empresa de Porto Alegre na área de Engenharia Estrutural, minha preferida, dentre as inúmeras possibilidades que esta profissão nos proporciona. As profissões de engenheiro e de professor, para mim, sempre andaram muito juntas. Ao mesmo tempo que vinha para Porto Alegre, começava a lecionar na Universidade de Santa Maria. Viajava todas as semanas. Em meados de 1976, tanto a empresa quanto a UFSM, me pediram maior dedicação. Optei pela empresa, saindo, então, da Universidade. Em 1980, com o fechamento da empresa, criei meio próprio escritório de projetos em Engenharia Estrutural.

Na Universidade- Em 1982, o então Diretor do Centro Ciências Tecnológicas, convidou-me para trabalhar na Unisinos. Em 1986, assumi como Coordenador do Curso de Engenharia Civil tendo permanecido até 1995, quando passei a ser Pró-Diretor de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro. Em 1999, já bastante envolvido com a Unisinos, quer como professor, quer como

administrador, ingressei no Mestrado em Administração, convênio Unisinos-PUCRio, fechando, então, o escritório. Desde 2001, sou vice-diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas.

Família- Sou casado há 33 anos. Minha esposa, Enedina, é natural de Caçapava do Sul. Conhecemo-nos em Santa Maria, nas quadras de basquete. É formada em Relações Públicas pela Unisinos. Temos dois filhos. Márcio, 31 anos, é Engenheiro Eletricista, professor do curso de Engenharia Elétrica da Unisinos, mestre em Engenharia Biomédica pela UFSC e doutorando em Biotecnologia, na Technische Universität Braunschweig, Braunschweig, Alemanha. Patrícia, 26 anos, formada em Direito pela Unisinos, é especialista em Direito do Trabalho e atua em Porto Alegre.

Autor- Hoje leio pouco. O que mais leio são livros técnicos. Um autor de que sempre gostei é Érico Veríssimo.

Livro- No momento estou lendo ***O universo numa casca de noz***, de Stephen Hawking. O autor é tido como o maior cientista da atualidade. O livro é interessante, pois torna ameno o estudo da Física, simplificando sua compreensão.

Filme- Já fui “viciado” em cinema. Chegava a assistir três sessões por semana. Hoje, pouco vou ao cinema. Tenho me restringido a assistir a alguma fita que venha a se destacar.

Momentos felizes- O dia que entreguei o diploma de Engenheiro ao meu filho, uma deferência da UFRGS, e o de Relações Pública à minha esposa, na Unisinos.

Nas horas livres- Sou caseiro: assisto à televisão, curto fazer um churrasquinho ... Por vezes, vou à praia, mesmo fora de temporada.

Uma grande paixão- Meus filhos.

Unisinos- É uma instituição que me possibilitou desenvolver uma de minhas paixões, a de ser professor. Hoje, também atuo na área administrativa, o que está sendo muito desafiador para mim. Gosto muito da organização e comungo da sua missão e da sua visão.

IHU- Não conheço muito do Instituto Humanitas Unisinos. O que sei vem pelo *IHU On-Line*. Tenho observado que se dedica a temas polêmicos que nos proporcionam atualização e facilitam nosso posicionamento.

Sala de Leitura



“Estou lendo o livro de William Carroll Bark intitulado *Origens da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 155p. 1979. Bark discute o fim da antiguidade clássica como resultado da decadência e colapso gradual da infra-estrutura física e econômica do império romano do ocidente. Alinha as razões práticas pelas quais a nova sociedade, agrária, pobre e desorganizada, foi se distanciando da cultura greco-romana. Questiona hipóteses consideradas tradicionais para o início da Idade Média: expansão ocidental do Islã e fechamento do Mediterrâneo aos europeus, invasões bárbaras e início do feudalismo”.

Prof. Dr. Ernesto Lavina, doutor e mestre em Geociências, e professor do PPG em Geologia.



“*O Ofício de cartógrafo/Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*, de Jesús Martín Barbero, Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002, é um dos livros que estou lendo neste período. O autor retoma às suas produções bibliográficas da década de 1990, buscando reconstruir as fundamentações comunicacionais trabalhadas desde os anos 1980. Na primeira parte, aborda a *configuração latino-americana do campo da comunicação*, formulando relações entre meios, ideologia, poder e discurso; aprofunda suas propostas sobre a problemática da *cultura* como constituinte central do campo; trabalha as inter-relações entre *comunicação* e *tecnologia*, definindo-as como inovações culturais e usos sociais. Na segunda parte, fundamenta a necessidade de *pensar a sociedade na perspectiva da comunicação*; para isso, situa as trajetórias da pesquisa na área, analisando as novas configurações do campo, a contraditória centralidade da comunicação, as matrizes e mediações culturais e as perplexidades do fim do século XX que levaram a uma mudança na estruturação do campo. Propõe, também, uma agenda para o século XXI, incluindo nela questões como os *imaginários da globalização e as imagens do mundo; as transformações da experiência humana; a midiatização da política; os desafios da comunicação* nas suas relações com a *educação* e a contraditória integração entre *globalização e espaço latino-americano*. Finaliza com a proposta do que Martín-Barbero designa como *ofícios do leitor*, lugar em que se situa como promotor, analista e pesquisador das produções teóricas em comunicação realizadas na América Latina e no Brasil. É um livro importante para quem pesquisa e estuda as problemáticas configuradoras do campo das ciências da comunicação e os processos socioculturais de transformação na região”.

Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado, doutor em ciências da comunicação, professor/pesquisador do PPG em Comunicação da Unisinos.



“Atualmente estou lendo *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Atena Editora, 1955. *A Divina Comédia* é a obra-prima de Dante Alighieri, que a iniciou por volta de 1307, concluindo-a pouco antes de sua morte (1321). Primeiro clássico italiano, a obra é um poema que narra uma odisséia pelo *Inferno, Purgatório* e *Paraíso*, nessa ordem. Dante, o personagem da história, então com 35 anos, é guiado pelo inferno e purgatório pelo poeta romano Virgílio, e no céu, por Beatriz, musa em várias de suas obras. Nesse caminho, ele encontra e descreve personagens, atitudes, castigos e glórias. A obra apresenta uma hierarquização de valores. Este livro traduz para a linguagem do povo toda a reflexão filosófico-teológica da Idade Média”.

Prof. Dr. Alfredo Culleton, doutor e mestre em Filosofia, e professor do PPG em Filosofia da Unisinos.

Meu Clássico

Responde o Prof. Dr. Fernando Jacques Althoff, professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, na Unisinos, Doutor em Física e Química da Terra pela Université de Nancy I, U.N. I, França. Mestre em Geologia e Geoquímica pela Universidade Federal do Pará. Althoff também é membro do conselho editorial da Editora Unisinos.

Qual é o autor que mais influenciou a sua formação intelectual?

Quem me sugeriu a geologia como uma possibilidade foi Jules Verne. Seus livros ficavam na mesma prateleira da História Universal, de H. G. Wells. A história de Wells terminava logo após a Segunda Guerra Mundial, e parecia que pouco haveria para acrescentar a ela. Dois autores que acreditavam no futuro do homem, na ciência e no progresso. Verne e Wells são os autores que gostaria de citar, lembrando a época em que eu ainda não escolhia os livros, era escolhido por eles.

Foi, num sebo da Cidade Velha, em Belém, que conheci Claude Lévi-Strauss. O primeiro livro foi *A Oleira Ciumenta* (1985). Só depois cheguei aos *Tristes Trópicos* (1955). Aparentemente, um livro sobre viagens de um filósofo/etnólogo/explorador. Na verdade, muito mais que isso. “O mundo começou sem o homem e terminará sem ele”.

Lévi-Strauss é considerado o introdutor dos métodos estruturalistas nas ciências humanas. Em seus livros trata da cultura ocidental, do sentido da civilização, do caráter aleatório do tempo histórico. Suas relações com a geologia são profundas. Ele credita à geologia uma parte importante da sua formação. Em 1955, Lévi-Strauss situava a etnografia, tanto pelo seu método quanto por seu objeto, entre o marxismo (*ciência humana com perspectiva social*), a psicanálise (*ciência humana com perspectiva individual*) e a geologia (*ciência física, mãe da história*).

A etnologia, segundo Lévi-Strauss, representa, para as ciências humanas, o que a astronomia, nos seus princípios, representou para as ciências físicas ainda por nascer. As sociedades primitivas são objetos situados muito longe no tempo e no espaço, dos quais só se pode perceber as propriedades essenciais, suficientes para destacar alguns caracteres fundamentais da sociedade humana em geral.

O balanço final é duro: vistas numa escala de milênios, as paixões humanas se confundem. O tempo nada retira nem adiciona aos amores e às iras sentidas pelos homens, aos seus engajamentos, às suas lutas e esperanças: ontem como hoje, somos sempre os mesmos. Sempre diante do mesmo dilema: romper com o passado ou conservar velhos costumes?

Para Lévi-Strauss, os homens só existem e só diferem por suas obras. Suprimir alguns séculos da história não afetaria nosso conhecimento da natureza humana. A única perda insubstituível seria a das obras de arte que estes séculos teriam visto nascer. A relação dos homens com a arte é tema constante na obra de Lévi-Strauss. Em um de seus últimos livros, *Regarder Écouter Lire* (1993), procura entender o que certos quadros, músicas e livros têm em comum. Através de coisas que não se parecem, mas que conduzem o pensamento por um mesmo caminho, vai à procura dos princípios que estão na raiz do julgamento estético. Uma seleção de fotos da sua passagem pelo Brasil entre 1935 e 1938 aparece em *Saudades do Brasil* (1994).

Qual o autor que mais responde às suas inquietações atuais?

Leio com interesse os textos do sociólogo/filósofo crítico da cultura pós-moderna, Jean Baudrillard¹. Seus textos, que não pertencem à sociologia canônica e nem sempre são aceitos

¹ Sobre este autor, **IHU On-Line** publicou um artigo na edição número 51, de 17 de março de 2003, e uma entrevista na edição número 57, de 28 de abril de 2003.

pelos filósofos, analisam a proliferação incontável de informações e objetos e a desapareção da realidade dos seres e das coisas.

Depois de Lévi-Strauss estudando civilizações primitivas, Baudrillard descrevendo a sociedade primitiva do futuro. Meu ponto de partida, mais uma vez, foi um relato de viagem, **América** (1986), que fala da modernidade radical dos EUA. “*A América é a versão original da modernidade, nós somos a versão dublada ou com legendas*”. Baudrillard demonstra, neste livro, um grande apreço pelos desertos.

Baudrillard foi assunto do livro **Impostures intellectuelles** (Alain Sokal e Jean Briemont, 1997), que aborda o emprego descuidado de termos científicos e as extrapolações abusivas das ciências exatas para as humanas. Sobre isso, ele responde: “*alguns consideram minhas metáforas ao pé da letra...*” Recentemente, Baudrillard atraiu a ira de muitos artistas ao falar da “*nulidade pretenciosa de uma parte da arte contemporânea*”.

Para finalizar, duas observações de Baudrillard sobre o nosso cotidiano (Cool Memories II, 1990):

Compact Disc – “Não se gasta, mesmo se o usamos. É terrível. É como se você nunca o tivesse usado. É como se você não existisse (...) Mais tarde, sem dúvida serão reintroduzidos ruídos paralelos, vírus, para dar a ilusão de vida e uso.”

Seminários – “O mundo tornou-se um seminário. Tudo passa por esta forma acadêmica e fastidiosa. Certas existências são apenas seminários perpétuos, esperando a concessão de uma tumba fresca à sombra da Cultura. O Juízo Final transformado em Simpósio Gigante, com despesas de viagem e estadia pagas”.

Qual o autor contemporâneo que lê com mais atenção?

Vou citar mais um viajante, o italiano Hugo Pratt. Foi em 1964 que ele começou a contar suas viagens, através das histórias de Corto Maltese. Fleumático, pelo lado paterno - um marinheiro inglês - e com uma queda pela magia, pelo lado da mãe - uma cigana andaluz -, Corto Maltese é um marinheiro anarquista com um ceticismo irônico (mas não sarcástico) em relação às ideologias que sempre têm a tendência de se impor como poderes. Este ceticismo permite que ele desenvolva o respeito a culturas diferentes e uma ausência total de racismo. Citaria três de seus livros: **Fábula de Veneza**, **Tango**, e **A Balada do Mar Salgado**. Todos são histórias em quadrinhos.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail, às segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz. Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 ramal 1173 ou 1195. E-mail: lhuinfo@poa.unisinos.br Sítio: <http://www.ihu.unisinos.br/>



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS